Rudolf Steiner

O limiar do mundo espiritual

Considerações aforísticas

Tradução:
Rudolf Lanz

A guisa de introdução

Neste livro serão feitas, sob forma aforística, algumas descrições daquelas partes do Universo e do ser humano que se vislumbram quando o conhecimento espiritual transpõe o limite que separa o mundo dos sentidos do mundo do espírito. Não se pretende dar uma exposição sistemática, nem uma exposição completa, sob qualquer ponto de vista; procura-se relatar, de forma livre, algumas vivências espirituais. É nesse sentido que este livro completará e ampliará minhas outras obras, como já o fez *Ein Wegzur Selbsterkenntis des Menschen* (Um caminho para o autoconhecimento do homem), publicado no ano passado [1912]. Esforcei-me para redigir também este livro de tal forma que possa ser lido por si, sem o conhecimento dos demais.

Quem pretende realmente compenetrar-se dos conhecimentos obtidos pela Ciência Espiritual sente a necessidade de contemplar o âmbito espiritual da vida sob novos ângulos. Só que é natural haver algo de unilateral em cada uma de tais descrições. Tal fato ocorre necessariamente com maior facilidade em descrições do plano espiritual do que quando se expõe algo do mundo sensorial. Por isso não pode existir uma autêntica busca do conhecimento espiritual quando alguém se dá por satisfeito com uma exposição uma vez acatada. Com escritos tais como o presente, quero ser útil a quem leva a sério a busca do conhecimento do mundo espiritual. Por esse motivo, procuro expor, a partir de novos pontos de vista, fatos espirituais que já relatei, sob certos aspectos, em meus livros anteriores. Tais relatos complementam-se como fotografias tiradas de uma pessoa, ou de uma ocorrência, a partir de vários pontos de enfoque.

Em cada descrição feita sob um certo ângulo, temos o ensejo de referir-nos a observações que não poderiam ser feitas de um ponto de vista diferente. Aos que procuram a visão espiritual própria, também este livro poderá proporcionar assuntos para meditações; isso se revelará a quem os procurar com o intento de usá-los de forma apropriada, em sua vida anímica.

Munique, agosto de 1913

Rudolf Steiner

Da confiança no pensar.
Da essência da alma pensante.
Da meditação

Para a consciência diurna desperta, o pensar humano se apresenta qual uma ilha em meio às ondas da vida anímica que se desenrola em meio a impressões, sensações, sentimentos, etc. Até certo ponto, podemos dizer que só vencemos uma impressão ou uma sensação quando a compreendemos, isto é, quando formamos um pensamento que a ilumine. Mesmo na tempestade das paixões e afetos, podemos sentir certa calmaria quando o barco da alma alcançou a ilha do pensar.

A alma tem uma confiança natural no pensar — sente que perderia toda a segurança na vida se não pudesse ter essa confiança. A vida anímica deixa de ser sadia tão logo começa qualquer dúvida em relação ao pensar. Quando este não nos proporciona a clareza almejada, devemos pelo menos ter a consolação de que a atingiríamos se conseguíssemos pensar com toda a força e acuidade necessárias. Podemos tranqüilizar-nos quando somos pessoalmente

incapazes de esclarecer algo por meio do pensar; mas insuportável seria a idéia de que o pensar em si não pudesse satisfazer-nos, mesmo que entrássemos em sua área de forma adequada a elucidar completamente determinada situação de nossa existência.

Toda busca de conhecimento por parte da Humanidade repousa nesta atitude da alma diante do pensar. Embora certos estados anímicos possam abafá-la, ela sempre se faz sentir no obscuro sentir das almas. Os pensadores que duvidam da realidade e força do próprio pensar estão enganados sobre a atitude fundamental de sua alma. Pois em muitos casos é a sua própria acuidade intelectual que lhes suscita as dúvidas e os enigmas como conseqüência de uma certa tensão excessiva. Se não confiassem no pensar, eles nem chegariam a atormentar-se com essas dúvidas e enigmas, meros resultados da atividade pensante.

Quem desenvolve em si o sentimento acima referido em relação ao pensar não verá neste apenas uma força da alma, mas também algo que contém, sem que isso dependa dele próprio e de sua alma, uma essência cósmica — uma essência cósmica até à qual ele deve chegar com muitos esforços caso deseje viver num elemento que pertence *simultaneamente* a ele próprio e ao mundo, dependente dele.

Poder abandonar-se à vida dos pensamentos tem algo de muito tranqüilizador. A alma sente que essa vida lhe permite desprender-se de *si própria*. Mas a alma precisa tanto deste sentimento quanto do sentimento oposto de poder estar totalmente dentro de si. É em ambos os sentimentos que reside a oscilação necessária à vida sadia da alma. No fundo, os estados de sono e de vigília nada são senão as manifestações extremas dessa oscilação pendular. No estado de vigília, a alma está dentro de si, vivendo sua vida própria; durante o sono, dedica-se à vida geral do Universo, desprendendo-se de certa forma de si mesma. As duas batidas do pêndulo da alma manifestam-se por outros estados diferentes de vivência rítmica. A vida em pensamento é um desprender-se da alma em relação a si própria, assim como o sentimento, a sensação, a vida emotiva, etc. constituem um ensimesmar-se.

O pensar, quando considerado dessa maneira, proporciona à alma o consolo que esta necessita para enfrentar a sensação de estar abandonada pelo mundo. Podemos chegar, de forma justificada, à sensação seguinte: o que sou eu na correnteza eterna dos acontecimentos cósmicos que flui de eternidade em eternidade — eu com meus sentimentos, meus desejos e volições, que têm importância apenas para mim? Tão logo a vida é compreendida pelo pensar, contrapomos esta sensação à seguinte: o pensar, que te relaciona com essa seqüência cósmica, acolhe a ti e à tua alma; tu vives nessa correnteza desde que compenetrando-te com tua essência por meio do teu pensar. Então podemos sentir-nos justificados e aceitos pelo Universo. A alma recebe dessa sua atitude um reconforto que sente como se lhe fosse outorgado pelas próprias forças cósmicas segundo sábias leis.

Partindo dessa vivência, pouco resta para se dar o passo em cuja seqüência a alma diz: não sou eu que penso — algo pensa em mim; é o evolver do mundo que se expressa em mim; minha alma oferece apenas o palco no qual o mundo se realiza, sob forma de pensamentos.

Tal sensação pode ser rejeitada por esta ou aquela filosofia. Podem-se alegar as causas mais variadas, e aparentemente bem convincentes, para demonstrar haver um erro grosseiro na idéia que acaba de ser expressa, segundo a qual "o mundo pensa a si mesmo dentro da alma humana". Em resposta a isso, é preciso reconhecer que essa idéia, por sua natureza, tem de ser conquistada por meio de uma vivência íntima. Sua realidade só se revela a quem a conquistou dessa forma, sabendo que nenhuma "refutação" poderia abalar essa realidade. E quem se compenetrou da referida idéia sabe avaliar, por meio dela, o quanto valem, na verdade, muitas "refutações" e "demonstrações". Estas parecem bastante infalíveis enquanto se pode ter uma imagem errônea da força probatória de seu conteúdo. Daí a dificuldade no entendimento com pessoas inclinadas a julgar tais "provas" relevantes. Essas pessoas não

podem senão achar que o outro está errado, pois ainda não realizaram o trabalho interior que o conduziu a admitir o que elas consideram errôneo e, até, tolo.

Meditações como essa sobre o pensar, recém-descrita, são úteis aos que pretendem inteirar-se da Ciência Espiritual. Trata-se, para eles, da necessidade de levar suas almas a um estado que lhes abra o acesso ao mundo do espírito. Este acesso pode permanecer vedado ao raciocínio mais perspicaz e ao cientificismo mais perfeito, desde que a alma nada leve ao encontro dos fatos espirituais — ou de sua comunicação — que querem invadi-la.

Um bom preparo para a compreensão do conhecimento espiritual pode ser o fortalecimento, repetidamente vivenciado, que é trazido pelo seguinte conteúdo anímico: enquanto penso, sinto-me ligado ao fluxo dos acontecimentos cósmicos. O importante é muito menos o valor cognitivo abstrato desse pensamento do que o fato de se ter freqüentemente experimentado na alma o efeito revigorante vivenciado quando tal pensamento flui com força pela vida interior, ao se expandir na vida anímica qual um ar vital espiritual. Não se trata apenas do conhecimento daquilo que jaz em tal pensamento, mas da *vivência*. O conteúdo é conhecido quando esteve *uma vez* presente na alma com força persuasiva suficiente; mas se o pensamento há de trazer frutos para a compreensão do mundo espiritual, dos seus seres e fatos, deve ser reanimado na alma depois de ter sido compreendido. A alma deve preencher-se com ele cada vez novamente, só admitindo sua presença e excluindo quaisquer outros pensamentos, sensações, recordações, etc. Tal concentração repetida num pensamento inteiramente absorvido faz convergirem na alma forças que estão, de certa forma, dispersas na vida normal; elas são reforçadas em si próprias. Essas forças concentradas transformam-se nos órgãos de percepção para o mundo espiritual e suas verdades.

Pode-se conhecer, pelo exposto, o processo correto da meditação. Deve-se primeiro isolar um pensamento, discernindo-o com os meios que nos proporcionam a vida e o conhecimento comuns. Em seguida, aprofundamo-nos repetidamente nesse pensamento, identificando-nos completamente com ele. O revigoramento da alma resultará no convívio com um pensamento conhecido desta forma.

Escolhemos como exemplo um pensamento extraído do conhecimento do próprio pensar; fizemos tal escolha porque semelhante pensamento é particularmente fecundo para a meditação. Mas tudo o que dissemos acima aplica-se a qualquer pensamento obtido segundo o processo descrito. Só que será parcialmente proveitoso para o meditante conhecer o estado anímico resultante da oscilação, acima descrita, de sua vida psíquica. E o meio mais seguro para ele ter a sensação de ser tocado, em sua meditação, diretamente pelo mundo espiritual.

Essa sensação é um resultado sadio da meditação. Deveria irradiar sua força para o conteúdo de todo o resto da vida vigil diurna — não de forma a existir constantemente algo como uma impressão presente da atitude meditativa, mas de tal maneira que possamos dizer, a todo momento, que um afluxo de forças revigora nossa vida normal como uma impressão sempre presente, derramando nela algo que lhe tira a serenidade. Essa vida não poderá então estar forte, nem suficientemente pura, durante o tempo dedicado à meditação. A meditação trará os melhores resultados justamente quando se destacar do resto da vida em sua atitude espiritual, vindo a atuar sobre a vida se for sentida como algo especial que se salienta.

Do conhecimento do mundo espiritual

A admissão nos resultados da Ciência Espiritual é facilitada quando enfocamos, em nossa vida anímica comum, aquilo que pode engendrar conceitos capazes de ser transformados e ampliados até ao ponto de atingirem paulatinamente os fatos e entidades do mundo espiritual. Se não escolhermos pacientemente este caminho, seremos tentados a imaginar o mundo

espiritual demasiadamente semelhante ao mundo físico ou sensível. E sem esse caminho, nem conseguiremos formar uma representação correta do âmbito espiritual e de sua relação com o homem.

Os fatos e seres espirituais vêm ao encontro do homem quando ele preparou sua alma para recebê-los. A maneira como se aproximam é bem diferente da manifestação de fatos e seres físicos. Contudo, podemos ter uma idéia dessa tão diferente aproximação ao focalizarmos o fato da recordação: — Tivemos uma vivência, há algum tempo mais ou menos longo. Em dado momento, e devido a esta ou aquela causa, ela emerge do fundo de nossa existência anímica. Sabemos que o que emergiu corresponde a uma vivência, e relacionamo-lo com ela. Todavia não temos, no momento da recordação, nada da vivência como presente, senão a imagem da recordação. Imaginemos que surge na alma uma imagem, da mesma forma como ocorre com a recordação, porém de tal maneira que exprime não algo previamente vivenciado, mas algo estranho à alma. Isso nos dá uma idéia de como o mundo espiritual começa a manifestar-se desde que a alma se haja preparado suficientemente para isso.

Sendo esse fato tal como é, uma pessoa pouco familiarizada com a situação no mundo espiritual sempre argumentará que todas as "pretensas" vivências espirituais não passariam de imagens recordativas mais ou menos confusas; só que a alma não as reconheceria como tais, podendo portanto aceitá-las como manifestações de um mundo espiritual. Ora, não negamos ser difícil distinguir, neste campo, entre ilusões e realidade. Certamente muitos indivíduos convencidos de terem percepções de um mundo supra-sensível estão apenas entregues às imagens de sua recordação sem, de fato, reconhecê-las como tais. Para enxergarmos a situação com toda a clareza, devemos inteirar-nos de muitos fatos capazes de induzir-nos em ilusão. Basta, por exemplo, termos visto algo apenas uma vez, e de maneira fugidia, tão fugidia que a impressão nem tenha chegado a penetrar plenamente em nossa consciência; e eis que, mais tarde, o fato pode aparecer como imagem vivida — talvez transformada. Afirmaremos com toda a segurança que nunca tivemos qualquer relação com o fato, e que estamos tendo uma autêntica intuição.

Fatos como este explicam o fato de as informações transmitidas pela visão supra-sensível poderem parecer altamente questionáveis aos que desconhecem as peculiaridades da Ciência Espiritual. Quem observa meticulosamente o que foi dito sobre o desenvolvimento da visão espiritual em meu livro *O conhecimento dos mundos superiores* estará capacitado a distinguir, nesse campo, entre ilusão e verdade.

Todavia, cabe aqui mais uma observação. É verdade que as vivências espirituais se manifestam de início sob forma de imagens, emergindo como tais do fundo da alma adequadamente preparada. Tudo depende de se conseguir, nesse momento, uma relação correta com essas imagens. Estas só têm valor para a percepção supra-sensível quando toda a sua maneira de revelar-se demonstra não quererem elas ser tomadas em sua realidade imediata. Se fossem aceitas dessa forma, mal valeriam mais do que sonhos comuns. Elas devem, na realidade, anunciar-se como letras expostas diante de nosso olho. Não consideramos a forma dessa letras, mas lemos nela o que expressam. Assim como algo escrito não nos convida a descrever as formas das letras, as imagens que constituem o conteúdo da visão supra-sensível não nos convidam a interpretá-las como tais; ao contrário, implicam na necessidade de abstrair de sua qualidade de imagens, dirigindo a atenção da alma para o fato ou ser supra-sensível que se exprime através delas.

Assim como não se justifica a objeção de que uma carta relatando-nos fatos inteiramente desconhecidos consiste apenas em letras há muito conhecidas, diante das imagens da consciência supra-sensível não vale o argumento de que elas só conteriam algo emprestado da vida comum. Até certo ponto, esse argumento é válido. Mas a verdadeira consciência supra-

sensível não dá ênfase ao que é extraído da vida comum, mas sim àquilo que se exprime através das imagens.

A alma deve, obviamente, preparar-se para ver surgir tais imagens em sua esfera de observação espiritual; mas para tal deve igualmente ter o cuidado de desenvolver o sentimento de não dever deter-se nas imagens, relacionando-as, ao contrário, de forma correta com o mundo supra-sensível. É perfeitamente cabível afirmar que a verdadeira contemplação supra-sensorial não pressupõe apenas a capacidade de perceber dentro de si um mundo de imagens, mas ainda outra que prove ser comparada, no mundo sensorial, com a leitura.

Devemos imaginar o mundo supra-sensível como algo situado completamente fora de nossa consciência comum. Esta nada possui que lhe faculte aproximar-se desse mundo. Ora, as forças da vida anímica, reforçadas por meio da meditação, produzem um *contato* — inicial — entre a alma e o mundo supra-sensorial. Isso faz emergir da vida anímica as imagens acima caracterizadas. Elas constituem, como tais, um quadro tecido pela própria alma que, para tecê-lo, recorre a forças adquiridas no mundo sensorial. Como trama figurativa, este quadro nada contém que não possa ser comparado à recordação.

Quanto mais clara fica esta situação, melhor para a compreensão da consciência clarividente, pois não cairemos em ilusões acerca da natureza das imagens. Dessa forma também adquiriremos o sentimento apropriado quanto à maneira de relacionarmos as imagens com o mundo supra-sensível. Estas nos ensinarão a ler no mundo supra-sensível.

As impressões do mundo sensorial naturalmente nos aproximam muito mais dos seres e acontecimentos deste mundo do que o fazem as imagens percebidas supra-sensivelmente em relação ao mundo supra-sensível. Poderíamos até dizer que essas imagens são, inicialmente, como uma cortina colocada pela alma entre ela própria e o mundo supra-sensível, ao sentir-se tocada por ele.

O essencial é que nos familiarizemos paulatinamente com a maneira como o supra-sensível pode ser vivenciado. É a vivência que nos proporciona pouco a pouco a interpretação correta, a leitura certa. Na presença de experiências supra-sensíveis mais importantes, os próprios fatos observados nos farão sentir que não se pode tratar de imagens da recordação extraídas da experiência comum. Não há dúvida de que muitas afirmações esdrúxulas sejam feitas neste campo por indivíduos que adquirem, ou pensam ter adquirido, a convicção de terem experimentado certos conhecimentos supra-sensíveis. Quantas pessoas não relacionam certas imagens surgidas em sua alma com acontecimentos devidas passadas, desde que estejam convencidas de sua realidade! Deveríamos ficar desconfiados quando essas imagens parecem apontar para vidas passadas que, sob um aspecto ou outro, se assemelhem ávida presente; ou têm uma aparência tal que a vida presente pode ser *racionalmente* compreendida com base na alegada existência interior. Quando, na *autêntica* vivência supra-sensível, surge a verdadeira impressão de uma ou mais vidas terrestres anteriores, geralmente a impressão que se tem é de ter ela ou terem elas sido tais que nunca qualquer excogitação da vida presente, qualquer desejo, aspiração ou raciocínio teriam permitido conferir-lhes tal forma. Teremos, por exemplo, uma visão da vida passada num momento de nossa existência atual em que seria de todo impossível adquirirmos aptidões ou coisa semelhante que tenhamos possuído naquela vida. Em vez de existirem, para vivências espirituais mais notáveis, imagens que poderiam ser reminiscências da vida comum, essas imagens, via de regra, são tais que nem as poderíamos encontrar na vivência normal.

Tal é o caso, em grau ainda superior, nas autênticas impressões oriundas dos mundos inteiramente supra-sensoriais. Muitas vezes, por exemplo, não existe possibilidade de formar, a partir da vida comum, imagens referentes à existência entre duas vidas passadas e o nascimento rumo à presente. Podemos constatar que na vida espiritual desenvolvemos, em relação a pessoas e objetos, inclinações totalmente opostas àquelas que desenvolvemos, de for-

ma análoga, durante a vida terrestre. Podemos reconhecer que na vida terrestre fomos freqüentemente impelidos a ocupar-nos carinhosamente de algo que evitamos na vida espiritual precedente (entre a morte e o nascimento). Qualquer lembrança desse fato, extraída da vida terrena comum, deveria ser diferente da impressão que obtemos mediante a verdadeira percepção da vida espiritual.

Mesmo se as coisas forem tais como as descrevemos, um indivíduo não familiarizado com a Ciência Espiritual ainda fará objeções. Ele dirá, por exemplo: "Pois bem, você gosta de certa coisa. Mas a natureza humana é complicada. A cada inclinação se acha aliada uma aversão secreta. É essa que surge em você, em dado momento, com referência à referida coisa. Você a considera como um evento pré-natal, quando talvez ela se explique, com toda a naturalidade, a partir de fatos periféricos subconscientes." A tal objeção nada se poderá responder, em geral, senão que ela pode ser justificada em muitos casos. De fato, os conhecimentos da consciência supra-sensível não se obtêm facilmente de forma a *resistirem a qualquer objeção*. Se é verdade que um "pretenso" pesquisador espiritual pode errar e relacionar um fato subconsciente com um acontecimento da vida espiritual pré-natal, também é verdade que o aprendizado da Ciência Espiritual conduz a um autoconhecimento que abrange inclusive os estados subconscientes da ilusão, livrando-se de ilusões também a esse respeito. Não fazemos qualquer afirmação senão a de que apenas são verdadeiros os conhecimentos supra-sensíveis aptos a distinguir, pela própria atividade cognitiva, entre o que se origina dos mundos supra-sensíveis e o que é imaginado pela representação pessoal. Quando se penetra nos mundos supra-sensíveis, essa capacidade de distinguir é adquirida de forma tal que se discerne, nesse campo, a percepção de mera imaginação com a mesma segurança com a qual se distingue, no mundo dos sentidos, entre um ferro quente que se pega com os dedos e um ferro quente apenas imaginado.

Do corpo etérico do homem e do mundo elemental

O homem chega ao reconhecimento da existência de um mundo espiritual supra-sensível e ao conhecimento desse mundo desde que saiba sobrepujar certos obstáculos adversos, em sua alma, a esse reconhecimento. A dificuldade implícita nessa situação é a seguinte: esses obstáculos atuam no âmbito das vivências anímicas, mas não se tem consciência deles na vida comum — pois há muito eles vivem na alma humana sem que esta o saiba; e ela deve primeiro aprender a sabê-lo, da mesma forma como adquire conhecimentos dos seres e fatos do mundo exterior.

Antes de ser conhecido pela alma, o mundo espiritual lhe é algo completamente estranho, não aparentando, em suas qualidades, nada do que a alma pode experimentar por suas vivências no mundo sensível. Daí a possibilidade de, sendo colocada perante esse mundo espiritual, a alma ver nele um "nada" perfeito. Ela se sentiria como que olhando para um abismo infindo, vazio e deserto.

Tal sentimento está, de fato, presente nas profundezas, por ora inconscientes, da alma. A alma vive nesse sentimento afim com o medo e com o receio, sem mesmo sabê-lo. Mas não é apenas relevante para a alma aquilo que ela sabe, mas também o que nela vive sem que ela o saiba. Quando a alma procura provas e argumentos que refutem o mundo espiritual, não o faz por serem tais argumentos concludentes por seu próprio mérito, mas por uma espécie de anestesia contra o referido sentimento. Ninguém nega o mundo espiritual ou a possibilidade de conhecê-lo com base em "provas" da sua não-existência, mas porque quer preencher sua alma com pensamentos que lhe escondam o receio diante do mundo espiritual. Só uma visão clara de toda esta situação pode conduzir a uma libertação da ânsia de se achar um anestésico contra o

"receio diante do mundo espiritual". O materialismo, como fenômeno psíquico do medo, é um capítulo importante da psicologia.

Esse "medo diante do espiritual" se explica quando estamos compenetrados da verdade de que os fatos e seres do mundo sensorial são a expressão exterior de fatos e seres espirituais, supra-sensíveis. Essa compreensão já começa quando discernimos que o corpo percebido sensorialmente no homem — e que é o único objetivo da Ciência —, é a expressão de um corpo sutil e supra-sensorial (chamado "etérico"), em que o corpo sensorial (ou físico) está contido como numa nuvem com um núcleo mais denso. Esse corpo etérico é uma segunda entidade humana. É nele que se acha a causa da vida do corpo físico. Todavia, o homem não está separado de seu mundo ambiente, no que se refere ao corpo etérico, no mesmo grau em que seu corpo físico está isolado do mundo exterior físico. Quando falamos em relação ao corpo etérico, não nos referimos ao ambiente físico percebido pelos sentidos, mas a um mundo ambiente espiritual; este é tão supra-sensorial em relação ao mundo físico quanto o é o corpo etérico do homem em relação a seu corpo físico. Como entidade etérica, o homem se encontra num mundo etérico (elemental).

Se essa vivência constante mas comumente ignorada — isto é, o fato de o homem estar como ente etérico num mundo elemental — se lhe torna consciente, esta consciência é totalmente diversa daquela da vida normal. Esta consciência nasce para a cognição supra-sensível estando *ciente* daquilo que está sempre presente, embora se esconda da consciência comum.

Ora, em seu estado de consciência comum, o homem diz "eu" tendo em mente o ser que se lhe manifesta dentro de seu corpo físico. No mundo sensorial, sua vida anímica sadia se baseia nesse conhecimento que ela tem de si como um ser isolado do resto do mundo. Ela seria interrompida se o homem assinalasse quaisquer ocorrências ou entidades do mundo exterior como pertencentes ao seu eu.

Isso muda enquanto o homem se vivência como ser etérico no mundo elemental: aí o seu próprio ser (do seu eu) se confunde com certos fatos e entidades de sua redondeza. A entidade etérica do homem tem de encontrar *a si mesma* também naquilo que constitui seu interior, da forma como se acostumou a considerar este "interior" no mundo dos sentidos. Existem no mundo elemental forças, fatos e entidades que, não obstante sejam de certa maneira um "mundo exterior", mesmo assim devem ser encaradas como se pertencessem ao próprio "eu". Como seres etéricos, estamos entrelaçados à essência do mundo elemental. Temos nossos pensamentos no mundo físico-sensorial convivendo com eles de modo a considerá-los como fazendo parte da existência do "eu". Porém, em se tratando da entidade etérica do homem, existem forças, fatos, etc. que atuam tão intimamente no "interior" como os pensamentos no mundo sensorial, se bem que não se comportem como pensamentos, mas como seres que vivem *com* a alma e *dentro* dela. A cognição supra-sensível precisa, portanto, de uma energia interior mais forte do que aquela possuída pela alma para manter sua autonomia frente a seus pensamentos. Por esse motivo, a preparação para a verdadeira contemplação do espírito consiste essencialmente em tal revigoramento interior da alma, para que esta se sinta como um ser individualizado não só quando pensamentos lhe estiverem presentes, mas também quando as forças e entidades do mundo elemental se manifestarem no campo de sua consciência qual uma parte do seu próprio ser.

Essa força da alma, que lhe permite manter-se como ser individual no mundo elemental, está presente na vida comum do homem. A alma, por enquanto, nada sabe dessa força, porém a possui. Para estar *ciente* dela precisa primeiro aparelhar-se, adquirindo aquela força anímica interior que se conquista mediante a preparação para a visão espiritual. Enquanto não resolver apropriar-se dessa força anímica interior, o homem tem um compreensível receio diante do reconhecimento de seu mundo espiritual ambiente e se apega à ilusão de que este mundo

espiritual seja inexistente ou incognoscível. Essa ilusão ajuda-o a vencer o receio instintivo de uma diluição ou de uma fusão de seu próprio ser (eu) com um mundo espiritual essencialmente exterior.

Quem perscruta todos esses fatos vem a admitir a existência de um ser humano etérico "além" do homem físico-sensorial, e de um mundo supra-sensível, etérico (elemental) além daquele que se percebe física e sensorialmente.

A consciência clarividente encontra no mundo elemental entidades reais dotadas, até certo grau, de autonomia, tal como a consciência física encontra no mundo sensorial pensamentos que gozam de autonomia e de realidade. Integrando-nos melhor nesse mundo elemental, começamos a ver esses seres parcialmente autônomos dentro de um contexto mais amplo. Assim como originalmente encarávamos os membros de um corpo físico humano em sua autonomia parcial, e somente mais tarde soubemos que existem como partes de um organismo total, os seres individuais do mundo elemental se unem, para a consciência supra-sensível, como membros vivos de um grande corpo espiritual. À medida que se desenvolve a vivência supra-sensível, este corpo total é conhecido como corpo vital elemental (supra-sensível) da Terra. Dentro desse corpo vital da Terra, a própria entidade etérica do homem se sente como um membro.

Esse progresso na contemplação espiritual é, ao mesmo tempo, uma penetração na essência de um mundo elemental que é animado pelos mais variados seres. Ao querermos expressar o modo de ser desses seres energéticos, só podemos fazê-lo mediante imagens que reproduzam suas múltiplas particularidades. Encontraremos seres que revelam uma afinidade com tudo o que tende à duração, à solidez, ao peso. Podemos chamá-los de almas-terra. (Caso não nos julguemos super-inteligentes, e se receamos recorrer a uma imagem que só aponte para a realidade, sem sê-la, podemos falar de "gnomos".) Encontraremos outros seres que poderemos designar, devido à sua constituição, com os termos "almas-ar", "almas-água", "almas-fogo".

No entanto, outras entidades se evidenciarão, surgindo de forma a parecerem entidades elementais (etéricas), mas descobriremos que sua essência etérica contém algo superior à essência do mundo elemental. Compreenderemos então que não podemos discernir a verdadeira essência desses seres com o grau de cognição supra-sensível que se revelou suficiente para o mundo elemental, da mesma forma como não se pode conhecer a verdadeira essência do homem pela consciência meramente física.

As entidades acima mencionadas, que podemos chamar, de modo figurativo, de almas-terra, água, ar e fogo se integram, por sua atividade, de certa forma ao corpo vital elemental da Terra. Nesse corpo elas têm suas tarefas específicas. As entidades superiores que acabamos de caracterizar exercem uma atividade que ultrapassa o âmbito terrestre. Quando conseguimos conhecê-las melhor mediante nossa vivência supra-sensível, essa nossa consciência nos conduz também, em espírito, para fora do âmbito da Terra. Veremos que a nossa orbe terrestre se formou partindo de outra, desenvolvendo em seu âmago germes espirituais que permitirão nascer no futuro uma nova esfera, como que uma "nova Terra". Em minha *Ciência Oculta* expliquei os motivos que justificam chamar aquilo de que a Terra se formou de antigo planeta "Lua", e designar como "Júpiter" o mundo ao qual a Terra tenderá futuramente. O essencial é que vejamos na "Antiga Lua" um mundo remotíssimo, do qual o mundo terrestre se formou mediante uma transformação, enquanto entendemos como "Júpiter", em sentido espiritual, um mundo futuro em direção ao qual o mundo terrestre se encaminha.

Resumo do que precede

O homem físico apóia-se numa entidade humana etérica que vive num ambiente elemental, assim como o homem físico vive em seu mundo ambiente físico. Esse mundo elemental exterior se coaduna com o corpo vital supra-sensível da Terra. Este último aparece como o resultado da transformação de um antigo Universo (mundo da Lua) e como o estado preparatório de um Universo futuro (mundo de Júpiter). Esquematicamente, podemos encarar o homem, com base no que precede, da seguinte maneira:

1. *O corpo físico no ambiente físico-sensorial* — por meio dele o homem se conhece como ser individualizado (eu).
2. *O corpo físico no ambiente elemental* — por meio dele o homem se conhece como membro do corpo vital da Terra e, indiretamente, como membro de três estados planetários consecutivos.

Das repetidas vidas terrestres e do carma. Do corpo astral do homem e do mundo espiritual. De seres arimânicos.

A alma enfrenta uma dificuldade particularmente grande quando se trata de admitir a existência de algo que atua na vida anímica e que é, para ela, um mundo exterior da mesma forma como o mundo que se denomina, em sentido comum, de exterior. Ela resiste inconscientemente a essa idéia, pois acha que tal feito ameaça sua existência particular, desviando dela sua visão espiritual. A circunstância de a ciência moderna reconhecer, em teoria, essa situação como tal, ainda não significa uma plena vivência dela com todas as conseqüências de uma compreensão íntima e de uma compenetração a seu respeito. Se a consciência conseguir perceber esse fato de maneira viva, conhecerá na entidade anímica um cerne interior que constitui um ente autônomo em relação a tudo o que pode desenvolver-se, entre o nascimento e a morte, no âmbito da vida anímica consciente. No fundo de si, a consciência vem a conhecer um ser pelo qual deve sentir-se criada; e também deve sentir que o corpo, com todas as suas forças e qualidades, o qual serve de suporte a essa consciência, não passa de uma criação desse ser. No decorrer de tal vivência, a alma sente o amadurecer de uma entidade espiritual que se encontra nele e que se subtrai às influências da vida consciente. Ela vem a sentir que essa entidade interior se torna cada vez mais vigorosa, mas também mais autônoma, no decorrer da existência entre o nascimento e a morte. Passa a reconhecer que, dentro dessa vida entre o nascimento e a morte, essa entidade está para o resto das vivências como o germe que se desenvolve num ser vegetal está para a totalidade da planta dentro da qual se desenvolve; só que o germe vegetal é um ser físico, enquanto o germe anímico é um ser espiritual.

Prosseguindo com tais vivências, somos conduzidos a admitir a idéia das vidas repetidas do homem. No cerne de sua essência, até certo grau independente, a alma pode sentir o germe para uma nova vida normal; sentirá em particular que esse germe levará para a nova vida os frutos da vida presente, desde que encontre num ambiente puramente espiritual depois da morte, no mundo espiritual, aquelas condições de existência que não lhe podem ser dadas enquanto ela está envolta, entre o nascimento e a morte, por um corpo físico terreno.

Deste pensamento decorre necessariamente este outro: a vida sensorial presente é, entre o nascimento e a morte, o resultado de outras vidas terrestres, passadas há muito tempo, vidas nas quais a alma desenvolveu um germe que, após a morte, viveu num mundo puramente

espiritual, até estar maduro para entrar numa nova vida terrestre por meio de um novo nascimento; e isso de forma análoga à transformação do germe vegetal numa nova planta, depois de ter ficado, durante algum tempo, sujeito a condições diferentes, separado como estava da antiga planta dentro da qual se formara.

Por meio de preparativos anímicos apropriados, a consciência supra-sensível aprende a imergir no processo que consiste na formação, durante uma vida humana, de um núcleo de certa forma autônomo que conduz os frutos dessa vida ávidas terrenas subseqüentes. Qual uma imagem, qual um ente que quisesse manifestar-se como ser próprio, uma segunda personalidade[1], parecendo independente e como que superposta àquele ser que originalmente considerávamos como nossa personalidade, aparece como inspiradora desta última. Como tal personalidade, o homem acaba confluindo com a outra, superposta, que o inspira.

Nessa situação, que a consciência supra-sensível discerne como um fato real, a consciência comum vive sem o saber. Precisamos novamente de um fortalecimento da alma, desta vez não só para manter-nos diante de um mundo exterior com o qual nos confundimos, mas diante de um ser espiritual que, em sentido superior, somos nós mesmos, embora esteja situado fora daquilo que necessariamente sentimos como nossa personalidade na vida sensorial. (A maneira como essa segunda personalidade emerge do fluir da alma, qual uma imagem ou um ser individualizado, varia de um indivíduo para outro). Procurei representar as várias maneiras pelas quais diversas individualidades humanas se esforçam para chegar a vivenciar essa "outra personalidade" em meus quadros cênicos anímicos "O portal da iniciação", "A provação da alma", "O Guardião do Limiar" e "O despertar das almas".

Mesmo que, em sua consciência comum, a alma nada saiba da inspiração através de sua "outra personalidade", nem por isso essa inspiração deixa de existir nas profundezas da alma. Só que não atua por meio de pensamentos ou de palavras interiores, e sim por meio de ações, de processos, de acontecimentos. É essa "outra personalidade" que conduz a alma às peculiaridades do destino de sua existência e que nela produz as aptidões, inclinações, disposições, etc.

Essa "outra personalidade" vive na totalidade do destino de uma vida humana. Acompanha, lado a lado, a personalidade comum que encontra as condições de sua vida entre o nascimento e a morte, e plasma a vida humana com tudo o que a atinge, como alegrias, elevações e padecimentos. Na medida em que se une com essa "outra personalidade", a consciência supra-sensível aprende a dizer "eu" da totalidade de seu destino existencial, da mesma forma como o homem físico diz "eu" de sua entidade individual. Aquilo que se designa pelo termo oriental "carma" conflui, da maneira descrita, com a "outra personalidade", com o "eu espiritual". A biografia de um indivíduo parece inspirada por sua própria personalidade perene, que se estende de uma vida a outra; e a inspiração se realiza de tal forma que os destinos de uma existência terrestre se revelam como conseqüência das vidas anteriores.

Dessa forma, o homem conhece a si próprio como uma "outra entidade" que ele não é na existência sensória e que, nessa existência sensória, manifesta-se apenas através de seus efeitos. Ao penetrar *nesse* mundo a consciência se encontra numa região que, em contraste com o mundo elemental, pode ser chamada de espiritual.

Enquanto permanecemos nesta região, constatamos vivermos interiormente fora do círculo onde se realizam todas as vivências e experiências do mundo sensório; olhamos de um outro mundo para aquele que, de certa forma, deixamos para trás. Todavia, viemos a saber que, como seres humanos, pertencemos a ambos os mundos, tendo a sensação de que o mundo dos sentidos é como que uma imagem refletida do espiritual. Contudo, este não apenas reflete os acontecimentos e seres do mundo espiritual, mas possui, embora seja esta uma imagem

[1] Neste contexto, a palavra "personalidade" nos parece a melhor tradução para a palavra alemã *Selbst* — ingl. *self*. (N.T.)

refletida, uma vida independente. É como se um homem percebesse a si mesmo num espelho e, enquanto se percebesse, a imagem refletida adquirisse vida própria.

Outrossim, aprendemos a conhecer seres espirituais que provocam essa vida autônoma de imagens refletidas do mundo espiritual. Temos a sensação de que, por sua origem, esses seres pertencem ao mundo espiritual, tendo porém deixado o palco desse mundo e estabelecido o campo de sua atividade no mundo sensorial. Estamos, dessa forma, perante dois mundos que interagem. Chamaremos a seguir o mundo espiritual de superior e o mundo dos sentidos de inferior.

Conhecemos os seres caracterizados no mundo inferior transferindo, de certo modo, nosso próprio ponto de observação para o superior. Uma espécie desses seres espirituais aparece como a causa pela qual o homem vivência o mundo dos sentidos como sendo material e substancial. Aprendemos que a matéria é, na realidade, espiritual, e que a atuação espiritual daqueles seres transforma o elemento espiritual do mundo sensorial em algo material, endurecendo-o. Não obstante certos termos não serem bem vistos em nossa época, temos de usá-los para o que se vislumbra no mundo espiritual. Sejam, portanto, chamados de *arimânicos* os seres que provocam a materialização do mundo sensório. Averiguamos ainda, com relação a esses seres arimânicos, que eles têm seu campo no reino mineral. E no reino mineral que esses seres dominam, de forma a revelarem nele o que são, de acordo com sua natureza íntima.

Eles realizam algo diferente no reino vegetal e nos reinos superiores da Natureza; mas só conseguimos compreender esta outra atividade quando levamos em conta o mundo elemental. Este também aparece, quando visto da região espiritual, como reflexo desta última. Mas a autonomia da imagem refletida no mundo elemental não é tão grande como aquela do mundo físico dos sentidos. Os seres do tipo arimânico têm menor poder no mundo elemental do que no mundo sensorial. Mas é a partir do mundo elemental que esses seres arimânicos desenvolvem, entre outras coisas, a atuação que se exprime na destruição e na morte do existente. Poderíamos dizer que os seres arimânicos têm, para os reinos superiores da Natureza, a tarefa de trazer a morte. Na medida em que a morte faz parte da ordem necessária da existência, a tarefa dos seres arimânicos tem seu fundamento nessa ordem.

Constatamos, porém, ao observarmos a atividade dos seres arimânicos a partir do plano espiritual, que há ainda outra coisa relacionada com sua atuação no mundo inferior. Enquanto têm seu campo de ação neste mundo inferior, eles não se sentem comprometidos com a ordem que competiria às suas forças caso eles atuassem no mundo superior, onde têm sua origem. No mundo inferior aspiram à autonomia que nunca poderiam ter no mundo superior. Isso se reflete principalmente na atuação dos seres arimânicos sobre o homem, que constitui o mais alto grau da Natureza no mundo sensorial. Eles procuram tornar a vida anímica do homem autônoma na medida em que está ligada à existência sensorial do homem, arrebatando-a ao mundo superior e incorporando-a em seu próprio mundo. Como ser pensante, o homem tem sua origem no mundo superior. A alma pensante que adquiriu a vidência espiritual também entra nesse mundo superior. O pensar, que se desenvolveu no mundo sensorial e está ligado a ele, leva em si a influência dos seres arimânicos. Estes querem, de certa forma, dar uma existência duradoura ao pensar ligado aos sentidos, dentro do mundo destes. Já que suas forças trazem a morte, eles desejam arrebatar a alma pensante à morte e só deixar perecer o que resta da essência humana. Segundo suas intenções, a força do pensar humano deve ficar no plano sensorial e impregnar-se de um modo de ser cada vez mais semelhante à natureza do arimânico.

O que acaba de ser dito só se expressa no mundo inferior através de sua *atuação*. O homem pode procurar, em sua alma pensante, permear-se daquelas forças que reconhecem o mundo espiritual, sabendo-o existente e vivente nelas próprias. Ele pode também desviar-se com sua alma pensante dessas forças, congregando seu poder exclusivamente com o intuito de

captar o mundo dos sentidos. As tentações que o atraem para este último provêm das forças arimânicas.

Do corpo astral e dos seres luciféricos. Natureza do corpo etérico.

Existe uma outra espécie de seres espirituais que podem ser observados do plano espiritual enquanto atuam no mundo sensorial (e também no mundo elemental) adotado como seu campo de ação; trata-se daqueles que querem desprender totalmente a alma sensitiva[2] do mundo dos sentidos, espiritualizando-a, de certa forma. A existência do mundo sensorial faz parte da ordem universal. Vivendo no mundo sensorial, a alma passa por um desenvolvimento que pertence ao âmbito de suas condições existenciais. O fato de ela estar entretecida a este plano sensorial resulta da atuação de seres que se pode conhecer no mundo superior. Os seres que querem arrancar a alma sensitiva às condições da atuação sensorial contrariam essa atuação; chamá-los-emos a seguir de seres *luciféricos*.

Vemos, pois, os seres luciféricos espreitarem no mundo sensorial tudo o que nele é anímico (sensitivo) para separá-lo desse mundo e para incorporá-lo a uma região cósmica própria, condizente com a natureza desses seres. Quando vista do mundo superior, a atividade desses seres luciféricos se faz também sentir no mundo elemental. Eles almejam constituir, dentro deste, uma área cujas forças, segundo suas intenções, não deveriam ser atingidas pelo peso do mundo sensorial, embora os seres do mundo superior as tivessem destinado a serem entretecidas ao mundo dos sentidos. Assim como os seres arimânicos permaneceriam em sua esfera legítima,se apenas conduzissem à destruição passageira da existência, de acordo com a ordem universal, os seres luciféricos não ultrapassariam o âmbito de seu reino se impregnassem a alma sensitiva com forças tais que ela sentisse, a cada vez, o impulso de elevar-se acima dos constrangimentos do mundo sensorial e de se vivenciar, frente a esses constrangimentos, como ente livre e autônomo. Mas os seres luciféricos transcendem seu campo de ação legítimo quando querem criar, frente à ordem do mundo superior, um reino espiritual próprio, resultado da transformação dos entes anímicos do mundo sensorial.

Percebemos, portanto, que a ação dos seres luciféricos no mundo sensorial se orienta em dois sentidos. De um lado, é a eles que somos devedores pelo fato de o homem poder elevar-se acima da mera vivência da realidade sensível. Sua alegria, sua elevação, ele não as tira apenas do mundo sensorial; pode alegrar-se e elevar-se graças àquilo que vive apenas na aparência, àquilo que ultrapassa o sensorial como *aparência bela*. Nesse sentido, a atuação luciférica tem contribuído para produzir as mais significativas flores da vida cultural, principalmente no domínio das artes. Outrossim, o homem pode viver pensando livremente; não precisa limitar-se à descrição dos objetos sensoriais e retratá-los através dos pensamentos: pode desenvolver um pensar criativo, que transcende o mundo dos sentidos, e filosofar sobre as coisas.

De outro lado, o excesso das forças luciféricas nas almas torna-se a fonte de muita ilusão e confusão, as quais pretendem tomar forma em atividades anímicas sem as regras da ordem universal superior. Filosofar sem basear-se numa sólida integração na ordem universal, fechar-se temerariamente dentro de idéias arbitrárias, insistir em demasia nas opiniões pessoais que fazemos nossas e que acarinhamos — tudo isso são aspectos sombrios da atividade luciférica.

A alma humana pertence, com sua "outra personalidade", ao mundo superior; mas também pertence à existência no mundo inferior. A consciência supra-sensível sente-se cognoscente no mundo superior, desde que tenha passado pelos preparativos apropriados. Mas

[2] Neste contexto, o termo “sensitiva” exprime ato e capacidade de sentir. (N.T.)

isso não significa que qualquer fato tenha mudado para ela, pois ao que é um fato para *qualquer* alma humana se acrescenta, nela, o conhecimento de tal fato.

Toda alma humana pertence ao mundo superior e está ligada a um corpo sensorial submetido aos processos deste mundo dos sentidos enquanto o homem aqui vive; além disso, está ligada a um corpo sutil, etérico, que vive dentro dos processos do mundo elemental. As forças dos seres arimânicos e luciféricos atuam nos corpos sensorial e etérico, embora sejam de natureza espiritual e supra-sensível.

Enquanto vive no mundo superior (espiritual), a alma é — seja-nos permitido usar essa expressão — um ente astral. Entre as várias razões que justificam esse termo, há aquela de a essência astral do homem, como tal, não estar sujeita às condições que atuam dentro da Terra. A Ciência Espiritual sabe que dentro da essência astral do homem não se aplicam as leis da natureza da Terra, e sim leis relativas ao que acontece no mundo dos astros. Por esse motivo, a nomenclatura empregada está justificada. Somos portanto conduzidos a admitir, além dos corpos físico-sensorial e etérico, sutil, a existência de um terceiro, ou seja, do *corpo astral*. Mas devemos estar lembrados de que o corpo astral do homem tem, quanto à sua essência mais íntima, suas raízes no mundo superior, isto é, no verdadeiro plano espiritual. Dentro deste plano, ele é uma entidade afim, por sua natureza, com outros seres que têm seu campo de ação nesse mundo espiritual. Assim como os mundos elemental e físico-sensorial do homem são reflexos do mundo espiritual, o corpo etérico e p físico-sensorial devem ser considerados como reflexos de sua entidade astral. Ora, nestes últimos atuam forças que emanam dos seres luciféricos e arimânicos. Como estes seres são de origem espiritual, parece apenas natural encontrarmos no próprio plano dos campos físico-sensorial e etérico uma espécie de entidade astral do homem. Uma visão do espírito que aceite da consciência supra-sensível apenas as imagens, sem saber interpretar corretamente seu significado, pode facilmente considerar como verdadeiro corpo astral aquilo que resulta de sua intromissão nos corpos físico e etérico. Mas este "corpo astral" é justamente o membro da entidade humana que se opõe, por sua atividade, ao conjunto de leis que cabe ao homem dentro da ordem do Universo. Neste campo, as confusões e os equívocos são tanto mais fáceis quanto é impossível, no início, um conhecimento da essência astral da alma: Mas mesmo para os primeiros graus da consciência supra-sensível, esse conhecimento ainda permanece inatingível. Essa consciência é alcançada quando o homem se vivência dentro de seu corpo etérico. Neste, porém, ele percebe as imagens reflexas da sua "outra" personalidade e do mundo superior ao qual pertence. Percebe, portanto, o reflexo etérico de seu corpo astral, com todos os seres luciféricos e arimânicos nele contidos. Conforme constataremos nos aforismos posteriores deste livro, também o "eu" que o homem encara, em sua vida normal, como sua entidade não é o "verdadeiro eu", mas a imagem refletida desse "verdadeiro eu" no mundo físico-sensório. Para a visão etérica, o reflexo etérico do corpo astral pode resultar na ilusão do "verdadeiro corpo astral".

Na medida em que se aprofunda no mundo superior, a consciência supra-sensível consegue uma opinião correta sobre a natureza desse reflexo do mundo superior no inferior, com particular referência ao ser humano. Evidencia-se então que o corpo etérico, sutil, que o homem possui em sua vida terrena presente, não é realmente um reflexo do que lhe corresponde no mundo superior — é um reflexo distorcido pela atuação do seres luciféricos e arimânicos. A essência espiritual do corpo etérico nem pode refletir-se perfeitamente no homem terreno, devido justamente à natureza da Terra, campo de ação dos referidos seres. Se a consciência supra-sensível ultrapassa a esfera terrestre até uma região onde tal reflexo perfeito da imagem primordial do corpo etérico é possível, ela se vê transposta para além da fase da Terra atual e até para além da fase lunar precedente a esta, remontando a um passado muito longínquo. Descobre então que a Terra atual se desenvolveu de um estado lunar, e este de um estado solar. As razões para o uso do termo "estado solar" são expostas mais

detalhadamente em minha *Ciência Oculta*. Uma vez a Terra se achava, pois, num estado solar; este evoluiu para um estado lunar, tornando-se finalmente "Terra". Durante o estado solar, o corpo etérico era um reflexo puro dos processos e seres espirituais do mundo no qual teve sua origem. A consciência supra-sensível constata que esses seres consistiam na mais pura sabedoria. Podemos, portanto, dizer que o homem recebeu, durante a fase solar da Terra, num passado remotíssimo, seu corpo etérico como um reflexo puro dos seres cósmicos da sabedoria. Durante as fases lunar e terrestre, esse corpo etérico veio a transformar-se, passando a ser o que atualmente é na entidade humana.

Resumo do que precede

O homem leva dentro de si um cerne anímico que pertence a um mundo espiritual. Este cerne é a entidade perene do homem, que se realiza, através da vidas terrenas subseqüentes, da seguinte forma: ela surge numa vida, dentro da consciência comum, como entidade autônoma em relação a esta; depois da morte física do indivíduo, vivência um mundo puramente espiritual, e depois de mais um lapso de tempo adequado incorpora em nova vida terrestre os resultados da precedente. Essa entidade perene atua tornando-se inspiradora do destino humano, de tal forma que uma vida terrena apareça como conseqüência das precedentes, de acordo com a ordem cósmica.

O homem mesmo é essa entidade perene, vivendo nela como em sua "outra personalidade", ao passo que, como entidade, ele é aquela "outra" personalidade, e vive num corpo astral como vivendo em seus corpos físicos e etérico. Assim como o ambiente do corpo físico é o mundo físico e o do corpo etérico o mundo elemental, o ambiente do corpo astral é o plano espiritual.

Seres iguais, em sua espécie e por sua origem, à "outra" personalidade do homem, atuam no mundo físico e elemental como forças arimânicas e luciféricas. Por sua maneira de agir, a relação entre o corpo astral e os corpos etérico e físico torna-se inteligível.

Devemos buscar a origem do corpo etérico num estado remotíssimo da Terra, em sua assim chamada fase solar.

De acordo como tudo o que precede, podemos considerar esquematicamente o homem da seguinte maneira:

1. *O corpo físico no ambiente físico-sensorial* — por meio dele o homem se conhece como ser individual autônomo (eu).
2. *O corpo etérico sutil no ambiente elemental* — por meio dele o homem se conhece como membro do corpo vital da Terra e, graças a isso, indiretamente como membro de três estados planetários subseqüentes.
3. *O corpo astral num ambiente puramente espiritual* — este faz do homem um membro de um mundo espiritual do qual os mundos elemental e físico são reflexos. Nele se acha a "outra personalidade" do homem, que se expressa por meio de vidas terrestres repetidas.

Do "guardião do limiar" e de algumas peculiaridades da consciência supra-sensível

Enquanto vivência o mundo dos sentidos, o homem está fora do mundo espiritual, origem de sua essência, no sentido das considerações que precedem. Averiguamos a importância dessa vivência ao lembrar-nos de que a consciência supra-sensível, ao penetrar nos mundos supra-sensíveis,

precisa de um reforço precisamente daquelas forças anímicas que se adquirem no mundo dos sentidos. Sem esse reforço, a alma sente certo receio de entrar no mundo supra-sensível. Quer até precaver-se contra essa "entrada", procurando "provas" de sua impossibilidade.

Quando, porém, se sente bastante forte para efetuar essa entrada, quando reconhece em si as forças que lhe permitirão manter sua entidade autônoma mesmo depois da entrada e vivenciar no campo de sua consciência não só pensamentos, mas também seres — o que se torna inevitável nos mundos elemental e espiritual —, ela também constata que tais forças só podem ser desenvolvidas na existência dentro do mundo sensorial. Ela se convence da necessidade de atravessar, em seu trajeto cósmico, o mundo sensorial.

Tal convicção resulta particularmente das experiências que a consciência supra-sensível faz com o pensar. Quando penetra no mundo elemental, a consciência se preenche com seres que são percebidos sob forma de imagens. Ela não está em situação de desenvolver diante desse mundo, e frente a esses seres, uma atividade anímica semelhante àquela que se desenvolve na vida dos pensamentos dentro do mundo sensorial. Não obstante, não poderíamos orientar-nos, como seres humanos, nesse mundo elemental se aí penetrássemos como indivíduos pensantes, sem a contemplação pensante — pois apenas conseguiríamos ver os seres no mundo elemental, mas não saberíamos o que realmente são. Estaríamos em situação semelhante à de uma pessoa que tem diante de seus olhos uma escrita que não consegue ler; tal pessoa enxerga o que também enxergaria quem soubesse ler a escrita; mas só para este último esta teria significado e existência próprias.

Contudo a consciência supra-sensível não exerce, durante sua estada no mundo elemental, uma atividade como a que se realiza no mundo sensorial. O que acontece é o seguinte: um ser pensante — como o homem — percebe, enquanto vê o mundo elemental, ao mesmo tempo o significado de seus seres e forças; um ser que não sabe pensar observa as imagens sem inteirar-se de seu significado e de sua natureza.

Ao penetrarmos no mundo espiritual, os seres arimânicos, por exemplo, seriam tomados por algo totalmente diferente do que são caso não fossem vistos pela alma enquanto entidade pensante. O mesmo ocorreria com os seres luciféricos e outros seres do mundo espiritual. Os seres arimânicos e luciféricos são vistos pelo homem como aquilo que são quando ele os observa, a partir do mundo espiritual, com o olhar clarividente reforçado pelo pensar.

Se a alma não se preparasse com uma força mental suficiente, os seres luciféricos, ao serem vistos a partir do mundo espiritual, apoderar-se-iam das imagens da clarividência e fariam nascer, na alma que observa, a ilusão de penetrar cada vez mais profundamente no mundo espiritual originalmente procurado — quando, na realidade, ela se afundaria cada vez mais naquele mundo que os seres luciféricos querem preparar por ser este afim à sua própria essência. Aliás, a alma se sentiria cada vez mais autônoma, porém se habituaria num mundo espiritual que não corresponde à sua essência e à sua natureza. Acabaria integrando-se a um ambiente espiritual alheio a ela. O mundo sensorial oculta seres como os luciféricos. Por isso estes não podem enganar a consciência no mundo sensorial, para a qual eles simplesmente não existem. E a consciência tem a possibilidade de fortalecer-se suficientemente em seu pensar sem ser molestada por eles. A consciência sadia tem, por instinto, a particularidade de só *querer* penetrar no mundo espiritual na medida em que se fortalece, no mundo sensorial, o bastante para perscrutá-lo. A consciência sente uma inclinação para a forma como pode vivenciar a si própria no mundo sensorial. Ela se sente em seu elemento quando pode vivenciar-se por meio dos pensamentos, sentimentos e afetos que o mundo sensorial lhe proporciona. A intensidade dessa vivência aparece em particular no momento em que realmente ocorre a entrada nos mundos supra-sensíveis. Assim como nos apegamos às reminiscências que nos são caras, em determinados instantes de nossa vida todas as inclinações de que somos capazes sobem, necessariamente, como que das profundezas da alma ao penetrarmos nos mundos supra-sensíveis. Percebemos aí o quanto nos apegamos à vida que

liga o homem ao mundo sensorial. Esse apego se mostra em sua plena realidade, sem as ilusões que normalmente nutrimos nesta vida a esse respeito. Na passagem para o mundo supra-sensível ocorre, qual uma primeira capacidade extra-sensória, um bocado de autoconhecimento do qual talvez não tivéssemos a menor idéia. Revela-se aí o quanto devemos deixar atrás de nós ao querermos entrar com plena consciência no mundo em que, de fato, sempre estamos. Manifesta-se também ao olhar anímico, com a maior nitidez, o que temos feito de nós, consciente e inconscientemente, no mundo sensorial. Muitas vezes essa experiência pode ter a conseqüência de renunciarmos a quaisquer outras tentativas de penetrar nos mundos superiores. Pois ao que já mencionamos acresce o fato de vermos claramente que temos de aprender a sentir de modo totalmente diverso se a estada no mundo espiritual será profícua. Temos de chegar à decisão de desenvolver um estado anímico interior de todo diferente daquele em que vivíamos antes; ou, em outros termos, devemos adquirir um outro estado anímico além daquele que já possuíamos.

Mesmo assim, o que é que acontece realmente no momento em que entramos no mundo supra-sensível? Enxergamos o ser que sempre fomos; mas não o enxergamos a partir do mundo sensível, como costumávamos fazer; enxergamo-lo *sem ilusão,* em sua plena verdade, a partir do mundo espiritual. Discernimo-lo sentindo-nos permeados de forças cognitivas capazes de avaliá-lo no que concerne ao seu valor espiritual. Ao olharmos desta forma para nós mesmos, logo se evidencia por que razão não queremos entrar no mundo supra-sensível sem receio: revela-se o grau de força que possuímos para enfrentar essa entrada. Percebemos que, como seres cognitivos, mantemo-nos à distância. Quanto melhor nos enxergamos, maiores as tendências que nos fazem desejar permanecer, com nossa consciência, no mundo sensorial. O conhecimento incrementado faz sair essa tendência de seus esconderijos nas profundezas da alma. *Nós temos de conhecê-las,* pois só dessa maneira poderemos superá-las. É quando aprendemos a conhecê-las que elas revelam sua força particular. Elas querem subjugar a alma, e esta se sente como que atraída por elas para abismos indefinidos. O momento do autoconhecimento é extremamente sério. Muito se filosofa e se teoriza no mundo acerca do autoconhecimento. Isso antes desvia o olhar anímico da seriedade inerente ao autoconhecimento do que o atrai para ela. Mas não obstante essa seriedade, qual não é nossa satisfação ao pensar que a natureza humana está disposta, pelos próprios instintos, a não entrar no mundo espiritual antes de desenvolver e verificar, pelo autoconhecimento, o grau de maturidade imprescindível! Que satisfação termos, como encontro inicial mais importante com um ser do mundo supra-sensível, aquele com o nosso próprio ser, em sua plena verdade, sendo que nos cabe a missão de levar adiante esse ser durante o futuro desenvolvimento da Humanidade!

Podemos, pois, dizer que o homem abrange um ser que cuidadosamente presta sentinela no limite a ser transposto ao penetrarmos no mundo supra-sensível. Esse ser contido no homem, esse ser que somos nós, mas que tanto não podemos conhecer por meio da consciência comum quanto tampouco o olho pode enxergar a si próprio, é o *guardião do limiar* do mundo espiritual. Vimos a conhecê-lo no instante em que não apenas somos ele próprio, mas o *enfrentamos* como se estivéssemos fora dele.

São as capacidades reforçadas da alma que tornam visível o "guardião do limiar" tal como o fazem também com outras experiências dos mundos supra-sensíveis. Pois além do fato de o olhar espiritual clarividente estar ciente do encontro com o "guardião", este encontro não é, em absoluto, um acontecimento que só ocorreria com o indivíduo possuidor da visão espiritual. O mesmo fato que constitui o encontro ocorre para cada indivíduo ao adormecer, e o enfrentamento de si próprio, isto é, do "guardião do limiar", dura enquanto o indivíduo dorme. No sono a alma se eleva à sua essência supra-sensível, mas suas forças intrínsecas não são bastante fortes para provocar uma autoconsciência.

Para compreendermos as experiências supra-sensíveis, mormente quando se trata dos delicados fenômenos iniciais, temos de levar em conta o seguinte: — Pode acontecer que a alma já tenha começado a vivenciar algo supra-sensível sem, todavia, poder ter consciência disto. A clarividência se faz sentir, de início, de uma maneira muito sutil. Muitas vezes vivemos na expectativa de captar algo quase palpável e não prestamos atenção às impressões clarividentes fugazes, deixando de reconhecê-las como tais. Nesse caso elas surgem e já preparam seu esquecimento enquanto se manifestam. Sua penetração no campo da consciência é tão fraca que elas não recebem a menor atenção, como se fossem leves nuvens anímicas.

Por ser essa a situação real, e por esperarmos da visão espiritual algo diferente do que vem a ser, ela não é encontrada por muitos que buscam e teriam acesso ao mundo espiritual. O encontro com o "guardião do limiar" tem importância também nesse sentido. Se fortalecemos a alma com vistas ao autoconhecimento, o próprio encontro talvez não passe de vislumbre rapidíssimo e sutil de uma visão espiritual; porém não cairá tão facilmente no esquecimento como acontece com outras impressões supra-sensíveis, pois estamos interessados em nossa própria pessoa mais do que em qualquer outra coisa.

Contudo, o encontro com o "guardião" não faz necessariamente parte das primeiras experiências supra-sensíveis. O fortalecimento da alma pode realizar-se em vários sentidos, e os primeiros rumos que a alma toma podem colocar em seu campo de visão, antes desse encontro, outros seres ou acontecimentos. Mas de qualquer forma esse encontro ocorre em tempo relativamente breve após a entrada no mundo espiritual.

Da sensação do eu, da capacidade de amar inerente à alma humana e das relações da alma humana com o mundo elemental

Ao entrar conscientemente no mundo elemental, a alma humana se vê obrigada a modificar certas representações mentais que adquiriu dentro do mundo sensorial. Ela se torna capaz de tais modificações desde que suas forças aumentem de forma adequada. Apenas tendo receio diante desse fortalecimento é que poderá ter a sensação de perder o chão firme de sob os pés ao entrar no mundo elemental, que deverá servir de alicerce para sua vida interior. As representações obtidas no mundo físico-sensorial só constituem um obstáculo à entrada no mundo espiritual enquanto queremos segurá-las sob a forma que lhes atribuímos no mundo sensorial. Porém não há outro motivo para segurá-las senão o *hábito* da alma. Não deixa de ser natural que a consciência, vivendo *exclusivamente* no mundo sensorial, habitue-se a considerar como a única forma possível de suas representações aquela estabelecida ao contato com o mundo sensorial. Isso é mais do que natural, sendo até necessário. Nunca a vida anímica alcançaria a coerência interior e a firmeza necessária se não desenvolvesse no mundo sensorial uma consciência que vive, de certa forma, em representações rígidas severamente impostas. Tudo o que a alma recebeu, por seu convívio com o mundo sensorial, capacita-a a entrar no mundo elemental de modo a não perder sua independência e sua natureza coerente. O fortalecimento da vida anímica deve ser adquirido para que tal independência não exista apenas como qualidade inconsciente, mas possa ser conscientemente constatada quando a alma efetuar a passagem para o mundo elemental. Achando-se esta fraca demais para ter do mundo elemental uma vivência consciente, sua própria autonomia lhe escapa, no momento da entrada, qual um pensamento que é apenas fracamente gravado em nossa alma, não podendo, por isso, continuar a viver claramente em nossa memória. Nesse caso, é de todo impossível à alma entrar com sua plena consciência no mundo supra-sensível. Se não obstante ela tentar fazê-lo, será rechaçada por aquela entidade que vive nela e que pode ser chamada de "guardião do limiar". E se tiver conseguido, mesmo assim, "beliscar" aquele mundo de modo a reter em sua consciência algo do mundo supra-sensível após ter voltado a cair no mundo sensorial, esse "troféu"

proveniente de uma outra área muitas vezes provocará a maior confusão nas representações mentais.

Tal confusão se torna impossível quando cultivamos em particular, de forma conveniente, o juízo sadio que se pode adquirir no mundo sensorial. O correto treino do juízo faz com que se estabeleça a relação adequada entre a alma e os acontecimentos e entidades dos mundo supra-sensíveis. Com efeito, para podermos viver nesses mundos, torna-se necessário termos um impulso anímico que não pode desabrochar no mundo sensorial com a intensidade com a qual se manifesta nos mundos supra-sensíveis. Trata-se do impulso da dedicação a tudo o que se vivência. Temos de adquirir a capacidade de identificar-nos com a vivência, tornando-nos uno com ela; temos de poder fazê-lo a um grau tal que nos vejamos fora de nossa própria individualidade, sentindo-nos dentro de outra entidade. O que ocorre é uma *transformação* do nosso ser naquele outro com o qual temos a vivência. Se não alcançarmos essa capacidade de transformar-nos, nada vivenciaremos de verdadeiro nos mundos supra-sensíveis. Ora, toda vivência se baseia na conscientização do seguinte: agora estás sendo transformado "desta determinada maneira"; estás portanto convivendo, de modo vivo, com um ser que transforma, por sua natureza, a tua "desta" maneira. Esse transformar-se, essa auto-identificação com outros seres, constitui a vida nos mundos supra-sensíveis. É por meio desta experiência que se chega a conhecer os seres e eventos desses mundos. É desta forma que notamos como podemos ter afinidade com outro ser desta ou daquela maneira, e como podemos distanciar-nos de outro motivados por nossa natureza. Surgem graduações de vivências anímicas que merecem a designação de simpatias e antipatias, principalmente no mundo elemental. O encontro com um ser ou um fato do mundo elemental, por exemplo, dá-nos a sensação de surgir na alma uma vivência que podemos chamar de simpatia. É nessa vivência de simpatia que conhecemos a natureza do ser ou do fato elemental. Todavia, não devemos imaginar que as vivências de simpatia e antipatia só se distinguem pela intensidade. Quando essas vivências ocorrem no mundo físico-sensorial, realmente costumamos falar apenas de uma simpatia ou antipatia mais forte ou mais fraca. No mundo elemental, estas não se diferenciam apenas pelo grau de sua intensidade, mas da maneira pela qual se deve distinguir, por exemplo, entre as cores do mundo sensorial. Assim como temos um mundo sensorial multicor, o mundo elemental é vivido numa multiplicidade de simpatias ou antipatias. Também vem ao caso o fato de "antipático" *não* ter, no reino elemental, a conotação de afastarmo-nos intimamente dele; devemos simplesmente chamar de antipática uma qualidade do ser ou fato elemental que esteja, para a qualidade simpática de outro ser ou fato, como a cor azul estaria para o vermelho no mundo sensorial.

Poderíamos falar de um "sentido" que o homem consegue despertar em seu corpo etérico para o mundo elemental. Esse sentido é capaz de perceber no mundo elemental simpatias e antipatias, tal como o olho percebe no mundo físico as cores, e o ouvido, os sons. E assim como um objeto do mundo sensorial é vermelho e outro azul, os seres no mundo elemental irradiam, para a visão espiritual, este uma espécie de simpatia e aquele um tipo de antipatia.

Essa maneira de vivenciarmos o mundo elemental por meio de simpatias e antipatias não é, entretanto, algo que só se manifesta à alma desperta para uma consciência superior. Ela sempre existe para cada alma humana, pertencendo à sua essência. Só que o saber dessa essência não está desenvolvido na vida anímica comum. O homem abarca em si seu corpo etérico, sendo por meio dele que está unido, por inúmeros laços, aos seres e fatos do mundo elemental. Em dado momento de sua existência, suas simpatias e antipatias o entretecem de certa forma ao mundo elemental; em outro momento, essa forma também será outra.

Todavia a alma não pode constantemente viver, como entidade etérica, de forma tal que as simpatias e antipatias estejam atuando de maneira bem definida. Assim como o sono deve alternar-se, na vida sensorial, com o estado de vigília, a vivência de simpatias e antipatias no mundo elemental também deve alternar-se com um outro estado. A alma pode afastar-se de toda simpatia

e antipatia e apenas vivenciar a si própria, observando e sentindo apenas sua própria existência. Esse estado pode alcançar uma intensidade a ponto de se poder dizer que a alma "quer" a si mesma. Trata-se de um estado da vida anímica difícil de descrever, sendo de tal natureza que nada no mundo sensorial se lhe assemelha senão o mais puro sentimento que a alma tem de si. Esse estado pode ser descrito, quanto ao mundo elemental, da seguinte forma: — Em oposição aos sentimentos de simpatia e de antipatia a que se abandona, a alma sente o impulso de existir exclusivamente *dentro de si, e para si*. É através de um *ato de vontade* que a alma se desprende do estado de abandono às vivências de simpatia e de antipatia no plano elemental. Para o mundo elemental, essa vida dentro de si é, de certa forma, o estado de sono, enquanto a atenção dispensada aos processos e seres constitui o estado de vigília.

Se a alma está "acordada" no mundo elemental e sente vontade de vivenciar a si mesma, isto é, se sente a necessidade de um "sono elemental", ela pode alcançá-lo voltando ao estado de vigília da vida sensorial, ao qual chega com o sentimento de si plenamente desenvolvido. Pois a vivência no mundo sensorial permeada do sentimento de si própria equivale ao sono elemental; este consiste no desprendimento das vivências elementais por parte da alma. É literalmente correto dizermos que a vida da alma no mundo sensível é um sono espiritual.

Quando o despertar no mundo supra-sensível se realiza através de uma clarividência *corretamente desenvolvida,* a alma guarda a lembrança de suas experiências no mundo sensorial. Se essa lembrança não existisse, a consciência clarividente abarcaria os outros seres e eventos, mas não o próprio ser. Não teríamos, nesse caso, ciência de nós mesmos; a vida que experimentaríamos não seria nossa: os outros seres e eventos é que viveriam dentro de nossa alma. Cientes desse fato, compreendemos facilmente que a clarividência corretamente desenvolvida tem de insistir no treino de um forte "sentimento do próprio eu". Esse sentimento do próprio eu não é algo que nasce na alma quando esta se torna clarividente; vimos apenas a conhecer algo que sempre esteve presente na alma, embora permanecesse inconsciente para a vida anímica comum decorrente no mundo sensorial.

Não é por meio do corpo etérico que esse forte sentimento de si existe, mas graças à alma, que vivência a si própria no mundo físico-sensorial. Ao levá-lo do mundo sensorial para o estado de clarividência, a alma verificará não estar suficientemente preparada para a vida no mundo elemental.

Ora, algo essencial para a consciência humana no mundo sensorial é o seguinte: a vivência do eu, ou seja, o sentimento de si, deve estar presente, mas de uma forma amortecida. Isso proporciona à alma a possibilidade de exercitar no mundo sensorial a mais nobre força moral, que é a *compaixão*. Se o forte sentimento do próprio eu estivesse presente nas vivências conscientes dentro do mundo sensível, os impulsos e conceitos morais não poderiam desenvolver-se corretamente. Com efeito, não produziriam o fruto do *amor*. A dedicação, impulso natural no mundo elemental, não pode ser equiparada ao que se chama de *amor* na vida humana em geral. A dedicação elemental é uma autovivência no outro ser ou no outro evento; o amor consiste em vivenciar o outro na própria alma. Para que essa vivência desabroche, o sentimento de si ou do próprio eu, que jaz nas profundezas da alma, deve ser como que encoberto por um véu; quando os próprios impulsos da alma são amortecidos, ela começa a sentir os sofrimentos e alegrias do outro; brota o amor, fonte da autêntica moralidade na vida humana. O amor é, para o homem, o fruto mais importante de toda a sua existência na vida sensorial; se compreendermos a essência do amor e da compaixão, encontraremos neles a maneira pela qual o espiritual se realiza, em toda a sua verdade, no mundo dos sentidos. Dissemos que pertence à natureza do supra-sensível transformar-se em algo diferente. Quando o espiritual se transforma, no homem físico-sensorial, de forma a amortecer a egoidade e brotar como amor, então este espiritual permanece face às suas próprias leis. De um lado podemos dizer que a alma humana desperta no mundo espiritual

quando alcança a consciência supra-sensível; mas da mesma forma devemos dizer que o *espiritual desperta dentro do mundo sensorial no amor*. Seja onde for que se manifestem o amor e a compaixão, percebemos a inspiração encantada do espírito que permeia o mundo dos sentidos. Por isto a clarividência corretamente desenvolvida nunca poderá abafar a compaixão nem o amor. Quanto mais harmoniosa a penetração da alma nos mundos espirituais, mais intensamente ela sentirá a falta de amor e de compaixão como uma ligação do próprio espírito.

Com referência ao que precede, as experiências da consciência em vias de tornar-se vidente apresentam certas peculiaridades. Enquanto o sentimento do eu — embora seja necessário para as vivências nos mundos supra-sensíveis — se amortece um pouco, passando amiúde a ser como que uma vaga e fraca reminiscência, sentimentos de ódio, de falta de amor e impulsos imorais se transformam em vivências anímicas fortes justamente depois que se entra no mundo supra-sensível. Postam-se ante a alma como que reprovações vivas, transformando-as em imagens horrendas. Para se livrar do tormento provocado por essas imagens, a consciência supra-sensível recorre de preferência a forças espirituais que amenizem as impressões causadas por elas. Dessa maneira, porém, a alma se deixa invadir por forças que se mostram nefastas à clarividência já atingida, desviando-a das boas regiões do mundo espiritual e dirigindo-a para as regiões más.

De outro lado, o verdadeiro amor e a autêntica benevolência são experiências que fortalecem na alma as forças da consciência no sentido necessário à aquisição da clarividência. Quando se fala em preparativos necessários à alma para que esta possa ter experiências no mundo supra-sensível, convém acrescentar que fazem parte desses preparativos a disposição para o verdadeiro amor e a inclinação para a autêntica benevolência e para a compaixão.

Uma egoidade excessivamente desenvolvida no mundo sensorial atua contra a moralidade, mas quando lhe falta o desenvolvimento apropriado, a alma carece da segurança e coerência de que precisa quando as tempestades das simpatias e antipatias elementais se levantam ao seu derredor. Segurança e coerência só podem existir quando uma egoidade bastante forte atua da existência físico-sensorial sobre o corpo etérico, que normalmente permanece na inconsciência da nossa vida em comum. Contudo, para que o clima anímico seja de autêntica moralidade, a egoidade tem de existir, embora amortecida pelos pendores para a compaixão e o amor.

Do limite entre o mundo sensorial e os mundos supra-sensíveis

Para conhecermos as relações entre os vários mundos, devemos levar em conta que uma força chamada a desenvolver uma atividade de acordo com a ordem cósmica pode ter um efeito *contrário* a essa ordem ao atuar num mundo diferente. Desta forma, duas forças opostas devem estar presentes no corpo etérico para que a entidade humana possa viver normalmente: de um lado a capacidade de transformar-se em outros seres e, de outro, um forte sentimento de si próprio. Nenhuma dessas forças da alma humana pode vir a ser desenvolvida sem o amortecimento da alma no estado sensorial. Elas existem no mundo elemental de forma tal que sua equiparação recíproca torna possível a entidade humana — a exemplo do sono e da vigília, que possibilitam a vida humana no mundo sensorial. Nunca a relação entre duas forças opostas desse tipo poderia ser tal que uma anulasse a outra; ao contrário, ambas devem coexistir e compensar-se reciprocamente. Ora, a egoidade e a transmutabilidade só podem atuar no mundo elemental uma sobre a outra, conforme foi dito acima; no mundo sensorial, só pode atuar em conformidade com a ordem cósmica aquilo que resulta das duas forças por meio de uma interação e de uma relação recíprocas. Se a transformabilidade atuasse na existência

sensorial com o grau de intensidade que o homem *precisa* possuir em seu corpo etérico, ele se sentiria animicamente como algo que não é, conforme seu corpo físico. Este lhe confere, no mundo sensorial, uma constituição firme, pela qual ele está colocado neste mundo como um ser definido e individualizado. Mas não é dessa forma que ele é colocado com seu corpo etérico no mundo elemental. Aí ele deve ter a capacidade de assumir as mais variadas formas, a fim de ser homem no pleno sentido da palavra. Não fosse assim seria condenado, no mundo elemental, à mais completa solidão; não teria conhecimento de nada senão de si mesmo, e não sentiria afinidade com qualquer ser, com qualquer evento. Mas isso equivaleria, no referido mundo, à inexistência desses seres e eventos para o indivíduo em apreço.

Se, de outro lado, a alma desenvolvesse no mundo físico a capacidade de transformar-se que lhe é necessária no mundo elemental, perderia toda a personalidade; viveria em contradição consigo mesma. A transmutabilidade deve, portanto, ser uma força pujante, dentro do mundo físico, nas profundezas da alma; deve dar à alma o cunho de seu temperamento, mas não pode chegar a atuar no mundo sensorial.

A consciência supra-sensível tem de ajustar-se intimamente a essa transmutabilidade; se não for capaz disso, não poderá fazer observações no mundo elemental. A consciência supra-sensível adquire, desta forma, uma capacidade que só deve aplicar enquanto estiver no mundo elemental, devendo reprimi-la ao voltar ao mundo sensorial. A consciência supra-sensível nunca deve perder de vista o *limite* entre os dois mundos; não pode usar, no mundo sensorial, capacidades apropriadas ao mundo supra-sensível. Se a alma, enquanto no mundo sensorial, permitisse continuar a transmutabilidade de seu corpo etérico, a consciência comum ficaria repleta de representações carentes de qualquer realidade no mundo sensorial: a alma cairia numa confusão total de suas representações mentais. Daí a necessidade de se observar o *limite* entre os mundos, premissa imprescindível para o exercício correto da consciência supra-sensível.

Quem quiser alcançar a consciência supra-sensível precisará atentar a que, pela ciência de mundos superiores, nada perturbador se introduza furtivamente em sua consciência comum. Ao conhecer o "guardião do limiar", sabemos qual a situação da alma no mundo sensorial; sabemos qual o grau de sua força para podermos banir da consciência físico-sensorial tudo o que, das forças e capacidades supra-sensoriais, não deve atuar nela. Se penetrarmos no mundo superior sem o autoconhecimento transmitido pelo "guardião do limiar", as experiências feitas nesse mundo poderão prostrar-nos. Elas poderiam intrometer-se na consciência físico-sensorial sob forma de imagens ilusionárias. Assumiriam, neste caso, o caráter de percepções sensórias, e isso teria como conseqüência que a alma as encarasse como realidade, o que não são. A clarividência corretamente desenvolvida nunca tomará por realidade as imagens do mundo elemental, no sentido em que considera como reais as vivências do mundo sensorial. É sua capacidade de transformar-se que permite à alma estabelecer uma relação correta entre as imagens do mundo elemental e a realidade à qual correspondem.

O forte sentimento do eu, isto é, a segunda força necessária ao corpo etérico, tampouco deve ingerir na vida anímica dentro do mundo sensorial da mesma forma como seria justificado no mundo elemental. Se não obstante o faz, torna-se no mundo sensorial uma fonte de inclinações imorais relacionadas como o egoísmo.

É nesta altura de suas considerações sobre o mundo que a Ciência Espiritual se depara com a origem do "mal" dos atos humanos. Significaria desconhecer a ordem universal tender à crença de que tampouco esta ordem universal pudesse persistir sem as forças que constituem a fonte do mal. Se essas forças não existissem, a entidade etérica do homem não poderia ter seu desenvolvimento no mundo elemental. Essas forças são inteiramente boas, desde que só atuem no mundo elemental; elas geram o mal não quando permanecem, tranqüilas, nas profundezas da alma e ali regulam a relação entre o homem e o mundo elemental, mas são

transpostas para as vivências da alma dentro do mundo sensorial, transformando-se em impulso de egoísmo. Atuam, então, contra a capacidade de amar, tornando-se, justamente por isto, causas do agir imoral.

Se o sentimento forte do próprio eu passa do corpo etérico ao físico, o resultado não é apenas um fortalecimento do egoísmo, mas também um *enfraquecimento* do corpo etérico. A consciência supra-sensível há de descobrir que, ao entrar no mundo supra-sensível, a egoidade necessária é tanto mais fraca quanto mais forte se encontra o egoísmo no viver do mundo sensorial. O egoísmo não fortalece, e sim enfraquece o homem nas profundezas de sua alma. E quando o homem atravessa o limiar da morte, o efeito do egoísmo desenvolvido entre o nascimento e a morte manifesta-se de forma a tornar a alma fraca para as vivências do mundo supra-sensível.

Dos seres dos mundos espirituais

Ao entrar nos mundos supra-sensíveis com a consciência supra-sensível, a alma vem a conhecer a si mesma de uma forma que é inimaginável no mundo sensorial. Ela descobre também que, por sua capacidade de transformar-se, aprende a reconhecer seres que possuem, em relação a ela, um grau de parentesco maior ou menor; percebe, Outrossim, seres aos quais não é apenas aparentada, mas com os quais deve comparar-se para ter de si própria um conhecimento adequado. Constata, a seguir, que esses seres vieram a ser, nos mundos supra-sensíveis, o que ela mesmo veio a ser por suas experiências no mundo sensorial. Vemos, pois, a alma humana encontrar, no mundo elemental, seres que dentro desse mundo adquiriram forças e capacidades que o homem só pode desenvolver pelo fato de possuir, além do corpo etérico e dos outros membros supra-sensíveis de sua entidade, um corpo físico. Os referidos seres não possuem tal corpo físico-sensorial, tendo-se desenvolvido pelo fato de possuírem, por meio de seu corpo etérico, uma entidade anímica tal como o homem a possui por meio do corpo físico. Embora sejam, até certo grau, da mesma espécie que o homem, distinguem-se dele por não estarem sujeitos às condições do mundo sensorial. Eles não possuem sentidos como os tem o homem. Seus conhecimentos são semelhantes aos conhecimentos deste, mas eles não os adquiriram através dos sentidos, e sim graças a uma espécie de afloramento de suas representações e outras vivências anímicas do fundo de sua entidade. Sua vida interior é como que colocada dentro deles, e eles a fazem aflorar tal qual o homem evoca das profundezas de sua alma as imagens de sua recordação.

Desta forma o homem vem a conhecer seres que se tornaram, nos mundos supra-sensíveis, aquilo que ele poderá vir a ser no mundo sensorial. Neste contexto esses seres se situam, na ordem universal, um grau acima do ser humano, apesar de se poder, conforme já indicado, defini-los como iguais. Eles constituem um reino de seres situado acima do ser humano — uma hierarquia superior a ele na graduação das entidades. Não obstante a semelhança, seu corpo etérico é diferente do humano. Enquanto este se acha entretecido, mediante suas simpatias e antipatias, ao corpo vital supra-sensível da Terra, tais seres não estão ligados a esta com sua vida anímica.

Se observar as vivências experimentadas por esses seres mediante seu corpo etérico, o homem as achará semelhantes às que ele tem em sua alma. Porém esses seres desenvolvem, por meio de seu corpo etérico, algo que o homem só pode desenvolver mediante seu corpo físico. E através do corpo etérico que eles se tornam cônscios de sua própria entidade. O homem nada poderia saber de uma entidade supra-sensível se não levasse para os mundos superiores as forças que adquiriu no corpo físico-sensorial.

A consciência supra-sensível vem a conhecer esses seres após adquirir a capacidade de observar por meio do corpo etérico. Essa consciência supra-sensível eleva a alma humana ao

mundo em que esses seres têm seu *habitat* e seu campo de ação. Só quando a alma tem, nesse mundo, a vivência de si própria, é que vemos surgir em sua consciência imagens (representações) transmissoras de um conhecimento sobre esses seres. Ora, essas entidades não atuam de imediato no mundo físico nem, por esse motivo, no corpo físico-sensorial do homem. Elas inexistem para as vivências que podem ser experimentadas por meio desse corpo, Trata-se de seres espirituais (supra-sensíveis) que, de certa forma, não penetram no mundo físico.

Se o homem deixar de observar o limite entre os mundos sensorial e supra-sensível, poderá acontecer de imprimir em sua consciência físico-sensorial imagens que não sejam a verdadeira expressão desses seres. Tais imagens aparecem devido a uma percepção de seres luciféricos e arimânicos da mesma espécie dos seres supra-sensíveis que acabamos de descrever, embora, em contraste com estes, tenham deslocado seu *habitat* e seu campo de ação para o mundo que o homem percebe como mundo dos sentidos.

O homem adquire um verdadeiro conhecimento dos seres luciféricos e arimânicos quando os observa do mundo supra-sensível e por meio da consciência supra-sensível, depois de o encontro com o "guardião do limiar" ter-lhe ensinado a observar corretamente o limite entre tal mundo e a existência sensorial. Ele aprende a distinguir esses seres das outras entidades espirituais que permaneceram dentro do campo de ação que, por natureza, lhes é adequado. É a partir desse ponto de vista que a Ciência Espiritual deve caracterizar os seres luciféricos e arimânicos. Verificamos então, quanto aos seres luciféricos, que seu campo de ação apropriado não é o mundo físico-sensorial mas, em certo sentido, o mundo elemental. As ações luciféricas não contrastam com a ordem cósmica quando ocorre o seguinte: — Do mundo elemental elevam-se imagens que penetram na alma humana e atuam de maneira vivificante no corpo etérico, mas não assumem na alma um caráter ilusionário. Nesse caso, o ser luciférico exerce sobre a alma humana uma ação *libertadora,* elevando-a acima do entretecimento com o mundo sensorial. Mas se a alma introduz no mundo físico-sensorial um modo de ser que deveria introduzir *apenas* no mundo elemental, deixando que seu sentir dentro do corpo físico seja influenciado por antipatias e simpatias que só deveriam reinar no corpo etérico, então o ser luciférico adquire, através dela, uma influência que se rebela contra a ordem geral do Universo. Essa influência se faz sentir a cada vez que, nas simpatias e antipatias no mundo sensível, atua algo diferente daquele amor inerente a todo sentimento de união íntima com outro ser no mundo sensorial. Tal ser pode ser amado porque se apresenta ao outro com estas ou aquelas qualidades, e nada de luciférico poderá intrometer-se no amor. Todo amor baseado em qualidades que o ser amado nos apresenta no mundo dos sentidos se manterá afastado de qualquer influência luciférica. Todo amor que não se baseie desta forma no ser amado, mas naquele que ama, tem uma inclinação para a influência luciférica. É com uma parcela de nossa alma aberta à influência luciférica que amamos um ser por ter ele qualidades que se coadunam com nossa índole. Por esse motivo, nunca deveríamos dizer que o elemento luciférico é algo ruim em todas as circunstâncias — pois é em conformidade com o elemento luciférico que a alma humana deve amar os fatos e seres dos mundos superiores. A violação da ordem cósmica só ocorre quando dirigimos a algo sensorial o tipo de amor que deveria atrair-nos para o supra-sensível. O amor ao supra-sensível produz com razão, naquele que ama, um sentimento mais intenso de si; o amor que procuramos no mundo sensorial para sentir-nos enaltecidos em nossa egoidade corresponde a uma tentação luciférica. O amor ao espiritual, quando procurado com vistas à personalidade *[Selbst]* superior, nos liberta; já o amor ao sensorial, quando procurado com vistas a essa personalidade superior, não liberta: ao contrário, cria grilhões para a personalidade, devido à satisfação conseguida por seu intermédio.

Os seres arimânicos têm, sobre a alma do intelecto, o mesmo efeito que os luciféricos sobre a alma da sensação. Eles acorrentam o pensar ao mundo dos sentidos. Isso se deve ao fato de todos os pensamentos terem apenas um significado quando manifestos como parte da grande ordem pensamental cósmica, ordem que não pode ser encontrada na existência sensorial. Naquele mundo ao qual a vida anímica humana se acha entremeada, o elemento arimânico tem de estar presente qual um contrapeso necessário ao elemento luciférico. Sem o elemento luciférico, a alma viveria na contemplação sonhadora das observações do mundo sensorial e não sentiria, por esse motivo, qualquer impulso de elevar-se. Sem o efeito contrário do elemento arimânico, a alma se abandonaria ao luciférico, desprezando a importância do mundo sensorial, embora encontrasse dentro dele uma parte das condições imprescindíveis à sua própria existência. Ela nada quereria saber do mundo sensorial. O elemento arimânico tem um correto significado na alma humana quando conduz a uma integração no mundo sensorial que lhe corresponde — quando o aceitamos tal como é, dispostos a dispensar tudo o que, deste mundo, por sua natureza deve ter caráter transitório.

Seria de todo impossível pretendermos fugir dos elementos luciférico e arimânico, extirpando-os de nós. Se, por exemplo, extirpássemos de nós o elemento luciférico, não sentiríamos mais qualquer anseio de elevar-nos ao supra-sensível; se eliminássemos o elemento arimânico, não poderíamos mais fazer jus ao mundo sensorial no que este contém de significativo. Nós só alcançamos o relacionamento correto com um dos elementos fazendo do outro um justo contrapeso. Todos os efeitos nocivos desses seres cósmicos têm sua origem exclusivamente no fato de eles reinarem aqui ou acolá sem encontrar qualquer limite, e sem ser harmonizados pela força oposta.

De entidades cósmicas espirituais

Ao desabrochar no mundo elemental, a consciência clarividente encontra aí seres capazes de desenvolver uma vida que o homem só pode conseguir no âmbito do mundo sensorial. Esses seres não sentem sua personalidade, seu eu da forma como o faz o homem no mundo sensorial; em grau muito mais intenso do que o homem, eles permeiam sua personalidade com seu querer: *querem a si mesmos*. Eles sentem sua existência como algo que doam a si próprios por meio de sua vontade. Em compensação não têm, com relação ao seu pensar, a sensação de produzirem seus pensamentos, tal como os produz o homem; vivenciam seus pensamentos como inspirações, ou seja, como algo que não está neles, mas no mundo, irradiando desse mundo para o seu próprio ser. Nunca têm a menor dúvida de que seus pensamentos sejam a imagem refletida da ordem pensamental espalhada no Universo. Eles não pensam seus pensamentos — pensam os *pensamentos cósmicos*. É nestes que eles vivem com seu pensar; porém querendo a si mesmos. Sua vida de sentimentos está de acordo com esse seu pensar e querer. Eles se sentem como membros da totalidade do mundo, sentindo a necessidade de querer a si mesmos de acordo com essa totalidade.

Quando a alma dotada de visão espiritual se entrosa no mundo desses seres, consegue uma idéia correta de seu próprio pensar, sentir e querer. Essas capacidades anímicas não poderiam desenvolver-se no corpo etérico humano dentro do mundo elemental. O querer humano não passaria, nesse mundo, de uma força débil, semelhante a um sonho; o pensar seria um mundo fugaz e incoerente de representações. Não poderia nascer um sentimento do eu. Para que essas faculdades possam existir, o homem tem de revestir-se de um corpo físico.

Ao ascender do mundo elemental para o autêntico mundo espiritual, a alma clarividente se vivência em meio a circunstâncias ainda mais diferentes das sensoriais do que o são as do mundo elemental. Neste ainda existem aspectos que lembram o mundo sensorial. No mundo espiritual, enfrentamos condições totalmente novas. Ficamos mesmo desamparados quando só possuímos as representações mentais que se podem adquirir no plano sensorial. Cabe-nos, como almas humanas, reforçar nossa vida interior no mundo sensorial a ponto de podermos levar, deste para o mundo espiritual, algo que nos permita viver lá. Se não levássemos ao mundo espiritual uma vida anímica intensificada, ficaríamos inconscientes, estando presentes somente com um grau de consciência como o possui a planta no mundo sensorial. Precisamos levar para lá tudo o que não existe no mundo sensorial, mas cuja existência se manifesta nele. Temos de formar, no mundo sensorial, representações mentais para as quais este nos predispõe, mas que não correspondam de imediato a qualquer objeto ou evento dele. Tudo o que representa um objeto do mundo sensorial ou descreve um acontecimento sensorial carece totalmente de importância no mundo espiritual. O que se pode perceber com os sentidos ou vazar em conceitos extraídos do mundo sensorial deixa de existir no mundo espiritual. Quando nele penetramos, temos de deixar para trás, de certa forma, tudo o que pode ser captado através de representações sensoriais. Em compensação, representações que formamos no mundo físico de maneira a não corresponderem a qualquer objeto ou fato sensível ainda estão presentes na alma quando esta ingressa no mundo espiritual. Entre estas pode haver, naturalmente, algumas formadas de maneira errônea. Estando presentes na consciência ao se adentrar o mundo espiritual, estas se revelam impróprias por sua própria existência. Fazem nascer na alma a tendência a voltar ao mundo sensorial ou elemental, a fim de substituir as representações errôneas por outras, corretas. Ao encontro de todas as representações corretas que a alma conduz ao mundo espiritual dirige-se algo que lhes é afim; a alma sente existirem no mundo espiritual seres tais que, por sua natureza íntima, só têm similares nos pensamentos existentes dentro de sua personalidade. Essas entidades possuem um corpo que poderíamos chamar de corpo de pensamentos. Elas têm, dentro desse corpo de pensamentos, a vivência de sua própria autonomia, tal qual o homem se sente como ente autônomo no mundo físico. Entre as representações adquiridas pelo homem, temos primeiro algumas imbuídas de sentimentos apropriados para reforçar a vida anímica até ao ponto de esta poder receber uma impressão dos seres do mundo espiritual.

A capacidade de termos percepções no mundo espiritual aparecerá quando o sentimento de dedicação que deve ser desenvolvido para a transmutabilidade no mundo elemental for de tal maneira intensificado que o ser alheio em que nos transformemos não nos seja apenas simpático ou antipático, mas possa viver, com toda a sua particularidade, dentro da alma à qual se dedique. Um ser espiritual falará à alma de uma maneira, e outro ser de outra. Surge uma comunicação que consiste numa linguagem de pensamentos. Nós vivenciamos pensamentos; mas *sabemos que em pensamentos vivenciamos seres espirituais.*

Viver no mundo espiritual significa viver dentro de seres que não apenas se exprimem por meio de pensamentos, mas que estão, com sua essência própria, presentes nesses pensamentos.

Diante das entidades do mundo elemental, a alma tem a sensação de que essas recebem os pensamentos cósmicos irradiados para dentro delas, querendo a si mesmas em conformidade com esse pensar cósmico que para elas converge.

Diante das entidades que não precisam descer ao mundo elemental para alcançar o que o homem só alcança no mundo sensorial, mas que atingem esses grau de existência já no mundo espiritual, a alma tem a sensação seguinte: — Esses seres são inteiramente constituídos de substância-pensamento; os pensamentos não irradiam apenas para dentro deles — eles vivem, com sua existência própria, dentro desse pairar de pensamentos. Eles deixam que os

pensamentos cósmicos vivam neles, pensando. Sua vida decorre na percepção dessa linguagem dos pensamentos cósmicos; e seu querer consiste em sua capacidade de exprimir a si próprios sob forma de pensamentos. Essa sua existência em pensamentos atua sobre o mundo: pensamentos, que são seres, falam com outros pensamentos, que também são seres.

Os pensamentos humanos são uma imagem reflexa dessa vida cósmica de seres-pensamentos. Em sua vida entre a morte e o novo nascimento, a alma humana é entretecida a essa vida dos seres-pensamentos, tal como o é o mundo sensorial à existência física. Quando a alma entra na existência física pelo nascimento (ou antes, pela concepção), seu próprio ser-pensamento perene atua plasmando e inspirando o destino dessa alma. No destino humano atua aquilo que remanesceu das vidas terrestres precedentes, da mesma maneira como atuam os puros seres-pensamentos.

Ao entrar nesse mundo espiritual dos seres pensamentos, a consciência supra-sensível sente um relacionamento novo para com o mundo sensorial. Este lhe dá, no mundo espiritual, a impressão de ser um "outro mundo", da mesma forma como o mundo espiritual é um outro mundo para ela, no mundo dos sentidos. Mas o mundo físico perdeu, para a visão espiritual, tudo o que dele pode ser percebido na própria existência sensorial. Desapareceram as qualidades percebidas por meio dos sentidos e do intelecto a eles ligado. Em compensação se constata, do ponto de vista do mundo espiritual, que a verdadeira, íntima essência do próprio mundo sensorial é espiritual. Ao olhar anímico que observa a partir do mundo espiritual, vêm-se revelando, ao invés de o mundo sensorial anterior, seres espirituais desenvolvendo suas atividades de forma tal que sua convergência faz nascer o mundo à frente do homem, na vida sensorial, quando este o percebe mediante seus sentidos. Enquanto vistas do mundo espiritual, as qualidades, forças, substâncias, etc. do mundo físico desaparecem, revelando-se como pura ilusão; olhando a partir do mundo espiritual, só temos à nossa frente seres; nestes seres jaz a verdadeira realidade.

Algo semelhante ocorre com o mundo elemental. Também deste desaparece, para o olhar advindo do mundo espiritual, tudo o que não é efetivamente entidade. Também aí a alma se sente lidando com entidades que fazem nascer, pela convergência de suas atuações, uma forma de existência que, pelos órgãos da simpatia e da antipatia, se manifesta como elemental.

Uma parte essencial da integração nos mundos supra-sensíveis consiste no fato de entidades ocuparem o lugar dos estados e qualidades que a consciência tem ao seu redor no mundo sensorial. Em última análise, o mundo supra-sensorial se revela como um mundo de seres; e o que existe fora dele é a expressão de feitos desses seres. Mas os mundos sensorial e elemental também se revelam como feitos dos seres espirituais.

Do primeiro rudimento do corpo físico humano

Numa parte anterior deste livro, falamos nos estados lunar e solar precedentes ao presente ciclo da Terra. Impressões que possam lembrar as condições da vida terrestre só se mostram à consciência clarividente dentro do estado lunar, não podendo mais ser obtidas quando o olhar clarividente remonta ao antiqüíssimo ciclo solar da Terra. Este já se revela como um mundo de seres e seus feitos. Para termos uma imagem desse ciclo solar, devemos afastar quaisquer representações que possam ser obtidas nos reinos mineral e vegetal da Terra. Ora, tais representações só poderiam ter importância para o conhecimento de épocas passadas da própria Terra e — no que ser refere àquelas extraídas do reino vegetal — do remoto estado lunar. Somos conduzidos ao antiqüíssimo ciclo solar da Terra por meio de representações suscitadas pelos reinos animal e humano, embora estas não *reproduzam,* desses reinos, nada do que se manifesta aos nossos sentidos.

Acontece que a consciência supra-sensível encontra no corpo etérico forças atuantes que se agrupam, formando imagens reveladoras de ter o corpo etérico recebido seu primeiro rudimento no antigo ciclo solar, como resultado da atividade de certos seres espirituais. Esse rudimento pode ser observado quando acompanhamos a evolução através dos ciclos lunar e terrestre. Vemo-lo transformar-se até chegar a ser aquilo que atua, presentemente, como corpo etérico do homem.

Para compreendermos o corpo físico, temos de recorrer a uma outra atividade da consciência humana. A primeira vista ele parece ser uma impressão exterior do corpo etérico. Observando melhor, vemos que o homem nunca chegaria, na existência sensorial, a um pleno desabrochar de sua entidade se o corpo físico fosse apenas uma manifestação físico-sensorial do corpo etérico. Se tal fosse o caso, haveria um determinado querer, sentir e pensar, mas estes nunca seriam reunidos de forma a fazer nascer na alma a consciência que se exprime por uma vivência de si própria. Isso aparece ainda com mais clareza quando a consciência desenvolve a capacidade da visão espiritual. Para o homem, a vivência de seu eu só pode surgir, no mundo sensorial, quando ele fica envolto num corpo físico, na existência sensória. Partindo daí ele pode levar essa vivência de seu eu para os mundos elemental e espiritual, permeando com ela seus corpos etérico e astral. Originalmente, essa vivência do eu não nasce nos corpos etérico e astral. Mas o homem possui um corpo físico, onde a vivência do eu pode manifestar-se. Quando este corpo físico-sensorial é observado a partir do mundo espiritual, verifica-se nele a existência de algo dotado de vida própria, que nem ao mundo espiritual revela toda a sua essência. Quando a consciência, tendo alcançado a clarividência, adentra o mundo espiritual, a alma se entrosa nesse ambiente em que os pensamentos são seres; mas a experiência do eu, do modo como uma energia anímica reforçada pode levá-la a esses mundo, não é apenas tecida de pensamentos cósmicos. Mesmo no mundo dos pensamentos cósmicos, ela ainda não encontra em seu ambiente algo que seja afim à sua própria essência. Para ter essa sensação, a alma tem de avançar ainda mais em sua caminhada em direção ao supra-sensível. Ela tem de chegar a vivências das quais mesmo os pensamentos estejam ausentes, de modo que todas as suas experiências sensoriais, inclusive as do pensar, sentir e querer fiquem para trás nesse caminho para o supra-sensível. Acontecendo isso, a alma se sentirá una com algo que, em sua essência, subjaz ao Universo de forma a anteceder tudo que o homem pode observar como ser sensorial, etérico e astral. O homem tem então a sensação de encontrar-se numa região ainda mais elevada do que todo o mundo espiritual dado a conhecer anteriormente. Seja este mundo, em que só o eu pode vivenciar-se, chamado de supra-espiritual. A partir deste mundo, mesmo a região dos seres-pensamentos ainda parece um mundo exterior. Se a consciência superior for transportada para este mundo, terá uma experiência que se pode caracterizar da seguinte maneira (chegamos a essa caracterização observando o caminho da consciência supra-sensível através dos vários graus consecutivos): — Quando a alma vivência a si própria em seu corpo etérico, tendo por mundo ambiente os fatos e seres elementais, sabe que está fora do corpo físico; mas este continua a existir como entidade, embora se mostre transformado, visto de fora. Diante do olhar especial, parece dissociar-se numa parte, que é a expressão de feitos de seres espirituais ativos desde o início do ciclo terrestre até o presente, e em outra, que corresponde a algo já existente durante o antigo ciclo lunar da Terra. Essa situação perdura enquanto a consciência só abrange o mundo elemental. Neste ela pode observar qual tinha sido a função do homem, como ser físico, durante o antigo ciclo lunar. Quando a consciência penetra no mundo espiritual, uma parte do corpo físico se desliga; trata-se daquela que foi formada durante o ciclo lunar pelos feitos de certos seres espirituais. Mas há uma outra parte que permanece: é aquela que já existia durante o ciclo solar da Terra, constituindo, naquele tempo, a entidade física do homem. Mas também dessa entidade física há um resto, mesmo se levarmos em conta que tudo se revela, do ponto de vista do mundo espiritual, como feito de

seres espirituais realizados durante o ciclo solar. É somente do ponto de vista do mundo espiritual que este resto se nos revela como resultado da atuação de seres espirituais, manifestando-se como algo que já existia antes de começar o ciclo solar. Devemos remontar a uma estado da Terra *anterior* ao seu ciclo solar. Procurei justificar em minha *Ciência Oculta* por que se pode chamar esse ciclo de "saturnino". Nesse sentido, a Terra era "Saturno" antes de transformar-se em Sol. E foi durante esse ciclo saturnino que a primeiro rudimento do corpo físico humano nasceu do processo cósmico geral, graças aos feitos de seres espirituais. Durante os ciclos solar, lunar e terrestre, esse rudimento foi transformado pelos atos complementares de outros seres espirituais, até surgir o atual corpo físico.

Do "verdadeiro eu" do homem

Quando alma vivência a si mesma em seu corpo astral e possui os seres-pensamentos com relação ao mundo ambiente, sabe que está fora do corpo físico e também do corpo etérico. No entanto sente também que seu pensar, sentir e querer pertencem a uma região limitada do Universo — embora, de acordo com sua própria essência intrínseca, pudesse compreender mais do que essa região lhe proporciona. A alma que se tornou clarividente dirá a si própria no mundo espiritual: "No mundo sensorial estou restrita àquilo que o corpo físico me permite observar; no mundo elemental, é o corpo etérico que me confina; no mundo espiritual sinto-me limitada por estar, de certa forma, numa ilha cósmica e só sentir minha existência espiritual até suas margens; além dessas margens há um mundo que eu poderia perceber se conseguisse atravessar o véu que os seres-pensamentos tecem diante de meu olhar espiritual." A alma consegue transpor esse véu e desenvolve, com intensidade cada vez maior, o dom da dedicação que já lhe era necessária para a vida no mundo elemental. Precisa tornar cada vez mais fortes as forças que se lhe acrescem pelas experiências no mundo físico-sensorial, para resguardar-se nos mundos supra-sensíveis contra o abafamento, a perturbação e até o aniquilamento de sua consciência. No mundo físico-sensorial a alma só precisa usar a força que possui naturalmente, sem esforço anímico próprio, para vivenciar-se em pensamentos. No mundo elemental, os pensamentos apagam-se até ao nível de vivências semelhantes a sonhos, caindo no esquecimento à medida que nascem, isto é, nem se tornando conscientes, a não ser que a alma intensifique suas forças antes de ingressar nesse mundo. Para tal ela deve principalmente fortalecer sua força de vontade, pois no mundo elemental um pensamento deixa de ser apenas um pensamento, adquirindo mobilidade interior e vida própria. Ele tem de ser mantido pela vontade, a fim de não fugir do âmbito da consciência. No mundo espiritual, os pensamentos são seres totalmente autônomos. Para que permaneçam na consciência, a alma deve ser fortalecida ao ponto de desenvolver em seu interior a força que lhe suscita o corpo físico no mundo sensorial e as simpatias e antipatias do corpo etérico no mundo elemental. A tudo isso ela tem de renunciar no mundo espiritual. Aí as experiências dos mundos sensorial e elemental só se fazem presentes como recordações. E a própria alma fica excluída desses dois mundos, envolta pelo mundo espiritual. Este, de início, não causa impressões no corpo astral. A alma tem de aprender a viver, por si mesma, de suas recordações. O conteúdo de sua consciência é, de início, apenas o seguinte: eu já fui, e agora me encontro diante do nada. Mas quando surgem reminiscências oriundas de vivências anímicas diferentes de imagens de fatos sensoriais ou elementais, representando vivências pensamentais livres, embora estimuladas por esses fatos, um diálogo mental se inicia na alma entre as recordações e o aparente "nada" do mundo ambiente espiritual. E o resultado desse diálogo serão representações, na consciência, do corpo astral. A energia necessária à alma neste ponto de seu desenvolvimento é tal que a capacita a suportar o confronto com o aparente "nada". Esse nada aparente significa

originalmente, para a vida anímica, um *nada autêntico*. Todavia a alma ainda possui, atrás de si, o mundo das recordações. A estas ela consegue agarrar-se; ela consegue viver nelas. E quanto mais vive nelas, mais fortalece as energias do corpo astral. Esse fortalecimento permite que se inicie o diálogo entre sua existência passada e os seres do mundo espiritual. No decurso desse diálogo, ela tem a sensação de ser uma entidade astral. Usando um termo que corresponde a velhas tradições, podemos dizer o seguinte: a alma humana, como ser astral, vivencia-se dentro do Verbo Cósmico. Entendem-se por Verbo Cósmico os fatos pensamentais dos seres-pensamentos realizados no mundo espiritual qual conversas vivas entre espíritos. Fica, porém, entendido que essas conversas entre espíritos são, para o mundo espiritual, o mesmo que os fatos para o mundo sensorial.

Desejando passar ao mundo supra-espiritual, a alma deve apagar voluntariamente as reminiscências que lhe restam dos mundos físico e elemental. E ela só pode fazê-lo se as conversas entre espíritos lhe deram a certeza de não vir a perder por completo sua existência, mesmo ao eliminar de si tudo o que até então lhe haja proporcionado a consciência de seu existir. A alma deve, de fato, postar-se diante de um abismo espiritual e tomar a decisão de esquecer seu pensar, seu sentir e seu querer. Ela deve renunciar, em sua consciência, a tudo o que se refere ao seu passado. A decisão que se torna necessária poderia ser chamada de intuição de um sono completo da consciência — não por condições implícitas nos corpos físico ou etérico, mas por uma resolução da própria vontade. Só que essa decisão não deve ser imaginada como tendo a finalidade de restabelecer, após um intervalo de inconsciência, a mesma consciência que antes existia; como resultado dessa decisão a consciência deve realmente, por um ato de vontade, mergulhar no esquecimento. Devemos estar cônscios de que esse processo não é possível nem no mundo físico nem no elemental, mas só no mundo espiritual. No mundo físico, só é possível a destruição que se manifesta como morte; no mundo elemental não existe a morte. Enquanto pertencente ao mundo elemental, o homem não pode morrer: só pode transformar-se num ser diferente. A rigor, não é possível uma transformação decisiva no mundo espiritual; pois seja qual for o resultado de uma transformação do ser humano, o passado, objeto de fatos vivenciados, sempre se manifesta no mundo espiritual como existência própria consciente. Se essa existência recordativa deve desaparecer no mundo espiritual, a própria alma precisa enclausurá-la no oblívio por meio de uma resolução de sua vontade. A consciência supra-sensível pode chegar a tal resolução desde que tenha adquirido a necessária força anímica. Acontecendo isso, a verdadeira essência do "eu" surge do esquecimento provocado pela alma. O mundo ambiente supra-espiritual proporciona à alma a ciência desse "verdadeiro eu". A consciência supra-sensorial pode vivenciar-se no "verdadeiro eu" tal como pode fazê-lo nos corpos etérico e astral.

Esse "verdadeiro eu" não é produzido pela contemplação espiritual; ele existe em cada alma, em suas próprias profundezas. Só que a consciência supra-sensorial vivência com plena ciência aquilo que para cada alma humana é um fato inconsciente, embora inerente à sua própria entidade.

Depois da morte física, o homem penetra paulatinamente em seu ambiente espiritual. Dentro deste aparece, em primeiro lugar, sua entidade com as recordações do mundo sensorial. Embora não receba a ajuda do corpo físico-sensorial, o indivíduo pode viver conscientemente em meio a essas reminiscências porque nelas se incorporam os seres-pensamentos que lhes correspondem, o que tem por resultado não possuírem mais as reminiscências apenas o caráter de sombras que as caracteriza no mundo físico-sensorial. Em dado momento entre a morte e o novo nascimento, esses seres-pensamentos do ambiente espiritual atuam com tanta força que o esquecimento, acima descrito, ocorre sem existir um impulso de vontade. Esse esquecimento faz com que a vida no "verdadeiro eu" se evidencie. A consciência produz, pelo fortalecimento na vida anímica e como ato livre do espírito, o que

ocorre qual um fato natural entre a morte e o novo nascimento. Contudo, nunca podem surgir, para a consciência físico-sensorial, lembranças de vidas terrestres passadas se, no decurso dessas vidas, as representações mentais do indivíduo não tiverem sido dirigidas ao mundo espiritual. Se uma recordação nítida deve ocorrer mais tarde, o fato a ser lembrado deve ser primeiro conhecido. Devemos adquirir, pois, numa vida terrena, uma ciência de nós como seres espirituais, se é que desejamos ter a expectativa justificada de vir a lembrar-nos desta vida numa vida próxima. Contudo, essa ciência não precisa ser adquirida por meio de clarividência. Quem adquire um conhecimento direto do mundo espiritual por meio de clarividência pode ter em sua alma, nas vidas que se seguem àquela em que adquiriu o conhecimento, uma lembrança semelhante, na vida sensorial, à recordação de uma experiência pessoalmente vivida. A recordação também pode ocorrer a quem penetre na Ciência Espiritual com compreensão, embora sem visão espiritual própria, podendo nesse caso comparar-se à lembrança, na vida sensorial, de um fato que conhecemos apenas de descrições.

Resumo do que precede

O homem abriga um "verdadeiro eu" pertencente a um mundo supra-espiritual. Esse "verdadeiro eu" está como que encoberto, na existência sensorial, pelas vivências feitas pelo pensar, pelo sentir e pelo querer. Mesmo no mundo espiritual, o homem só se torna consciente desse "verdadeiro eu" quando apaga as recordações de tudo o que pode vivenciar por meio do pensar, do sentir e do querer. É do esquecimento do que vivenciou nos mundos físico, elemental e espiritual que aflora a ciência do "verdadeiro eu".

A autêntica essência do corpo físico-sensorial revela-se quando a alma o contempla a partir do mundo supra-espiritual. Então se evidencia que o primeiro germe desse corpo surgiu, no processo cósmico geral, durante um ciclo saturnino precedente ao ciclo solar da Terra. Passando pelos ciclos solar, lunar e terrestre, essa primeira disposição se desenvolveu até ao corpo físico atual do homem.

De acordo com tudo que precede, a entidade total do homem pode ser observada, esquematicamente, da seguinte maneira:

1. *O corpo físico no ambiente físico-sensorial* — por meio dele o homem se conhece como um ser próprio autônomo (eu). Esse corpo físico formou-se a partir da essência geral do Universo, sob forma de um primeiro rudimento, durante um remoto ciclo saturnino da Terra. Através de seu desenvolvimento ele veio a ser, em quatro transformações planetárias da Terra, aquilo que atualmente é.
2. *O corpo etérico sutil no ambiente elemental* — por meio dele o homem se conhece como parte vital da Terra. Ele se formou a partir da essência geral do Universo, durante um remoto ciclo solar da Terra, como primeiro rudimento, tendo passado a ser o que atualmente é por seu desenvolvimento em três transformações planetárias da Terra.
3. *0 corpo astral num ambiente espiritual* — por meio dele o homem é um membro do mundo espiritual. É nele que jaz a "outra personalidade" do homem, a qual se exprime através das repetidas vidas terrenas.
4. *O "verdadeiro eu" num ambiente supra-espiritual* — neste o homem encontra a si próprio como ser espiritual quando todas as vivências dos mundos sensorial, elemental e espiritual — ou seja, as vivências do pensar, do sentir e do querer — caem no esquecimento.

Das relações entre o presente conteúdo e minhas obras *Teosofia e a A ciência oculta*

Termos destinados a expressar as experiências da alma nos mundos elemental e espiritual têm, necessariamente, de adaptar-se às peculiaridades dessas vivências. A escolha da terminologia deve levar em conta que já no mundo elemental as vivências se realizam de uma forma bem diferente de no mundo físico. No plano elemental a vivência repousa na capacidade de transformação da alma e em sua observação de simpatias e antipatias. A terminologia se impregnará do caráter versátil dessas vivências, não podendo ter a rigidez dos termos apropriados ao mundo dos sentidos. Quem não levar em conta essa situação, inerente à própria natureza da matéria tratada, constatará facilmente uma discrepância entre a terminologia deste livro e as da *Teosofia* e de A *ciência oculta*. A discrepância deixa de existir quando se tem em mente que os termos empregados nesses dois livros foram escolhidos de modo a caracterizar as vivências que a alma tem, em seu estado de pleno desenvolvimento, entre o nascimento (ou a concepção) e a morte, de um lado, e entre a morte e o nascimento, de outro. Neste livro, os termos foram usados tendo-se em mira as experiências que a consciência supra-sensível faz ao penetrar no mundo elemental e nas regiões espirituais.

Conforme consta da *Teosofia* e de *A ciência oculta,* pouco tempo depois que o corpo físico-sensorial se desprende da alma, na hora da morte, também o corpo chamado de etérico neste livro se separa dele. A alma vive então, de início, naquela entidade que neste livro se chamou de astral. Depois de separar-se da alma o corpo etérico se transforma, no mundo elemental, metamorfoseando-se nos seres que formam esse mundo elemental. A alma humana não está mais presente quando essa transformação do corpo etérico se efetua. Mas depois da morte ela vivência esses acontecimentos do mundo elemental *como seu próprio mundo exterior*. É essa vivência de fora do mundo elemental que está descrita na *Teosofia* e em *A ciência oculta* como passagem da alma pelo mundo anímico. Esse mundo anímico é idêntico àquele que, do ponto de vista da consciência supra-sensível, chamamos de elemental.

Quando, mais tarde, a alma se separa de seu corpo astral durante o intervalo entre a morte e o nascimento — de acordo com o que está descrito na *Teosofia* —, continua vivendo dentro daquela entidade que aqui foi chamada de "verdadeiro eu". O corpo astral passa então, por si, sem que a alma esteja presente, àquilo que caracterizamos como "esquecimento". Ele mergulha, de certa forma, num mundo onde nada existe que possa ser observado pelos sentidos ou vivenciado da mesma maneira experimentada pelo querer, pelo sentir e pelo pensar desenvolvidos no corpo sensorial. A alma, que continua existindo dentro do "verdadeiro eu", vivencia então esse mundo como *seu mundo exterior*. Se quisermos descrever as vivências nesse mundo exterior, poderemos fazê-lo da mesma maneira como consta na *Teosofia* e *em A ciência oculta,* na descrição da passagem pelo "mundo espiritual". A alma que se vivencia dentro do "verdadeiro eu" tem então *ao seu derredor,* enquanto no mundo espiritual, aquilo que se formou *dentro dela,* enquanto no mundo sensorial, como vivências anímicas. No mundo aqui descrito como o dos seres-pensamentos a alma encontra, entre a morte e o nascimento, tudo o que ela mesma vivenciou em seu interior mediante as percepções sensoriais e o pensar, o sentir e o querer durante sua permanência no mundo dos sentidos.

Posfácio à edição alemã de 1918

Se a alma deseja adquirir a capacidade de penetrar no mundo espiritual com pleno conhecimento, deve inicialmente fortalecer suas forças desenvolvendo, em seu íntimo, uma atividade que, no fundo, é imaginativa. Todavia, esse imaginar não deve apenas ser exercido

com a energia desenvolvida na consciência normal, como seqüência às percepções sensoriais e concomitantemente com elas. Aí o ato de imaginar possui um grau de intensidade muito maior do que o ato de perceber. Se a imaginação só fosse exercitada com esse grau de intensidade, nunca seria capaz de desenvolver capacidades que levam à entrada da alma no mundo supra-sensível. Ela deve, apesar de permanecer como uma simples representação mental, fortalecer-se até à intensidade da percepção — e não ficar no nível em que apenas tece pós-imagens pouco consistentes do que foi contemplado. Ela mesma deve condensar-se em "contemplabilidade", em qualidade pictórica. Criam-se então imagens vivas. Todavia, não basta apenas demorar nessas imagens: a energia anímica deve desprender sua atenção das imagens e focalizar sua própria atividade criadora das mesmas. Isso a faz sentir-se com uma autoconsciência interiormente fortalecida; mas, além disso, ao se repetir incessantemente esse exercício, a alma nota, depois de semanas, meses ou lapsos de tempo ainda maiores, que a gênese dessa autoconsciência reforçada colocou-a em relação com um mundo supra-sensível. No início esse contato será caótico e como que vazado em impressões sentimentais gerais; contudo, desse estado caótico se desenvolverá, paulatinamente, um mundo pictórico objetivo, diferenciado em si mesmo. Percebemos que o exercício da atividade geradora de imagens teve por conseqüência o fato de uma realidade espiritual exterior passar, doravante, a tecer imagens com a ajuda da autoconsciência revigorada; essas imagens aparecem, em sua própria manifestação, como impressões de um mundo supra-sensível objetivo. (Esta é, descrita mais exatamente, a experiência que a alma faz com as tramas figurativas encontradas em sua caminhada para o mundo espiritual, mencionadas à página 6.) A medida que o aspirante à consciência supra-sensível tem desses fatos uma imagem bem clara mediante nítidas vivências íntimas, nelas ele encontra a possibilidade insofismável de perceber a realidade no campo do supra-sensorial e de diferenciá-la de meras ilusões da fantasia enganadora.

À página 6 dissemos que as *imagens* da consciência encontradas no princípio de vivências supra-sensíveis "são, inicialmente, como uma cortina colocada pela alma entre ela própria e o mundo supra-sensível, ao sentir-se tocada por ele". É necessário falarmos em tal "cortina", pois as imagens só servem, de início, para elevar a própria autoconsciência ao mundo espiritual. A pessoa *se sente* como ser espiritual, mas ainda não percebe qualquer mundo exterior supra-sensível objetivo. Seria como se tivesse, em seu corpo físico, olhos que ela sentisse como parte do próprio organismo, mas que não tivessem clareza por si, tornando portanto impossível qualquer atuação do mundo ambiente sobre eles. A pessoa tem de tornar as imagens espiritualmente transparentes por meio de sua constante atuação nelas. Elas irão transparecendo à medida que evoluírem. Finalmente a pessoa não as verá mais — apenas as sentirá vivas na alma, mas através delas perceberá os seres da realidade supra-sensível.

Ao penetrarmos no mundo supra-sensível, uma das primeiras impressões será a de um relacionamento, com os seres desse mundo, causado pela autoconsciência elevada ao nível desse âmbito e manifesta através de simpatias e antipatias. Essa experiência já nos faz notar que devemos abandonar toda representação relativa ao mundo sensorial ao realmente querermos ingressar no mundo espiritual. Aquilo que se percebe no plano supra-sensível pode ser descrito mediante representações extraídas do mundo sensorial. Por exemplo, podemos dizer que um ser se manifesta como que através de um fenômeno de coloração. Todavia, quem recebe tais descrições de algo supra-sensível nunca deveria esquecer o que quer dizer o verdadeiro pesquisador do espiritual ao utilizar dessa forma uma cor: ele vivência algo de maneira análoga à percepção da cor correspondente pela consciência sensorial. Quem usa a descrição para afirmar que tem diante de sua consciência algo *igual* à cor sensorial não é um pesquisador espiritual, mas um visionário ou alucinado.

As vivências da simpatia e da antipatia, estas sim, são as primeiras impressões da percepção supra-sensível. Certas pessoas decepcionam-se quando o pesquisador do espiritual

precisa dizer-lhes que apenas se refere a uma analogia de sua percepção ao empregar representações extraídas de experiências sensoriais. Tais pessoas não procuram, realmente, conhecer um mundo supra-sensível diferente do sensível, e sim querem admitir uma espécie de mundo *paralelo* ao físico como mundo supra-sensível. Segundo elas, este mundo supra-sensível seria mais sutil, mais "etéreo" do que o mundo físico; mas para todo o resto não se deve pretender, segundo elas, que o mundo superior só possa ser captado por representações diferentes daquelas que convém ao mundo sensível. Mas quem de fato deseja abordar o mundo espiritual terá de concordar com a necessidade de se conquistarem representações de um tipo diferente. Quem só quer formar uma imagem diluída e nebulosa do mundo sensorial não pode captar o supra-sensível.

A capacidade da recordação, que desempenha função tão importante na vida anímica da consciência comum, não vem ao caso na percepção do mundo supra-sensorial. A alma possui essa capacidade de recordar, em sua vida no mundo físico, devido ao fato de exercer suas atividades por meio da organização corpórea. Estivesse ela elevada ao mundo supra-sensível, não exerceria a capacidade da recordação diante dos seres e fatos desse mundo. Estaria contemplando o que percebe dele sem que lhe ficasse uma recordação das impressões recebidas quando voltasse ao seu corpo físico. Mas essa tampouco seria toda a realidade. A alma leva, de suas experiências no mundo físico, como que uma vaga lembrança de sua capacidade de recordação, e isso a capacita a saber, em meio às vivências supra-sensoriais, o seguinte: aqui, no mundo espiritual, sou a mesma que lá, no mundo sensorial. Essa capacidade de recordação lhe é necessária, pois sem ela a continuidade da autoconsciência se perderia.

Além disso, a autoconsciência elevada ao mundo supra-sensível adquire também a capacidade de transformar as impressões recebidas nesse mundo de forma a deixar no corpo físico marcos tal qual fazem as impressões sensoriais do mundo sensorial. E isso torna possível à alma guardar uma espécie de recordação do que vivenciou no supra-sensível. Caso contrário, essas vivências seriam a cada vez esquecidas. Existe, porém, uma peculiaridade: as impressões do mundo físico atuam sobre o homem de forma que ele as possa lembrar por meio de seus efeitos sobre ele; no campo do supra-sensível, ele mesmo tem de manipular suas vivências de maneira a ainda saber delas mais tarde, ao voltar para a sua consciência comum. O ponto essencial é que tudo deve decorrer, nas experiências supra-sensíveis, à plena luz da consciência. Em todo caso, o pesquisador espiritual enfrenta dificuldades quando quer guardar na memória as experiências feitas no supra-sensível: ele não pode facilmente contar a outras pessoas o que sabe, simplesmente "de memória". Quando isso lhe for exigido, ele terá, muitas vezes, de restabelecer as condições em que fez a experiência a ser relatada; deve voltar a ver o que viu, para falar a respeito.

Estabelecer a relação entre as imagens vividas no supra-sensível e a realidade que lhes corresponde, tal como seria o relacionamento de uma impressão anímica com um objeto ou fato sensorial, tampouco é um ato simples. No supra-sensível, a consciência deve ter um discernimento total dessa relação. Tal não é o caso quando temos uma mesa à nossa frente. A mesa está diante da alma; mas o que se passa nesta última não vive na consciência, ou o faz apenas de forma totalmente esmaecida. Quando percebemos um ser supra-sensível — mesmo quando as imagens se tornaram "transparentes", conforme descrito acima —, a vivência dessa imagem está presente na autoconsciência, embora tenha algo da natureza de um sentimento. Se nos aprofundarmos com a consciência supra-sensível nessa vivência semelhante a um sentimento, veremos surgir diante da alma uma realidade cuja vivência pode e deve ser nitidamente diferenciada da vivência da imagem. Não deve haver confusão entre essas duas vivências, pois isso implicaria em ilusões quanto àquilo que realmente vivenciamos.